



SCARLETT
EDWARDS

DESCOBRINDO VOCÊ
PARTE QUATRO:
A RETRIBUIÇÃO

TRADUZIDO POR
ROSANE DE BASTOS



Sumário

Direitos autorais

Aviso ao leitor

Sobre a série

**Nota da Scarlett: Livros maiores
chegando!**

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Epílogo

Fim

Assine a lista de e-mails

Gostou deste livro?

Este livro é uma obra de ficção.

Todos os nomes, personagens, lugares e acontecimentos são frutos da imaginação da autora ou foram usados fictionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, locais ou eventos, é mera coincidência.

DESCOBRINDO VOCÊ #4:

RETRIBUIÇÃO

Direitos autorais © 2014 Edwards Publishing, Ltda.

Todos os direitos reservados.

Editado por Gail Lennon.

Capa de Scarlett Edwards.

Ilustrações de Scarlett Edwards.

Publicado por Edwards Publishing,

Ltda.

Edwards Publishing

477 Peace Portal Drive

Suite 107-154

Blaine, WA 98230

A cópia eletrônica, a digitalização e
a distribuição deste livro, em qualquer

forma ou sob qualquer meio ---
inclusive, mas não apenas limitado a
meio eletrônico, mecânico, fotocópia,
gravação ou outra forma ---, sem a
permissão do detentor dos direitos
autorais, são ilegais e estão sujeitas às
penalidades da lei. Por favor, compre
apenas edições autorizadas desta obra e
não colabore nem encoraje a pirataria
eletrônica de materiais protegidos por
direitos autorais. Seu apoio à obra do
autor é muito estimado.

ISBN: 978-0-9937370-5-3

Descobrimdo

Você 4:

Retribuição

por Scarlett Edwards

Edwards Publishing

Aviso ao leitor:

Descobrindo Você 4: Retribuição

contém cenas de intenso abuso físico e emocional. Os leitores com sensibilidade a esse tipo de conteúdo devem prosseguir com cautela.

Sobre a série:

A história de *Descobrindo Você* se desdobra em múltiplos volumes. Os primeiros livros têm em torno de cem páginas. Os próximos livros, começando com *Descobrindo Você 5*, terão 200 páginas ou mais.

Nota da Scarlett: Livros maiores chegando!

Olá a todos,

Eu disse que li todos os comentários na nota que escrevi em *Descobrimdo Você 2*. É verdade. Eu leio tudo. E você me fez saber, em alto e bom som, que deseja livros maiores.

Estou feliz em dizer que vou publicar livros mais longos. A partir de

Descobrimos Você 5, cada livro será muito, mas muito maior. Duzentas páginas ou mais.

Descobrimos Você 4: Retribuição é o primeiro livro de “transição” entre os maiores. Eu não pude aumentar o tamanho dele porque já estava escrito quando vi os comentários de vocês. Ainda assim, é o maior livro da série até agora, em torno de 25% mais longo.

Eu sei que a Amazon, originalmente, pôs um número estimado de páginas

para menos para *Descobrindo Você 3*. Isso foi corrigido, mas pensei que, vendo o número inicial, não seria justo com você, leitor, porque se sentiria lesado. Na verdade, *Descobrindo Você 3* tinha o mesmo tamanho dos livros anteriores.

Tudo isso para dizer: não estou tentando enganar ninguém e o motivo de eu estar contando sobre esses fatos é porque quero adequar minha escrita em tempo real com base no seu *feedback*.

Eu li algumas teorias maravilhosas sobre Stonehart e Lilly no Goodreads e Amazon. Sua paixão, leitor, é inacreditável, contagiante e me faz muito entusiasmada a apresentar-lhe a história de Lilly e Stonehart.

Aproveite o livro 4!

Scarlett Edwards.

P.S.: O lado negativo de criar livros maiores é que eles vão demandar mais tempo para que eu os escreva. Em vez de publicar um livro a cada vinte dias,

terei de adiar o lançamento para cada 30 dias.

P.S.: Eu farei o possível para lançar os livros o quanto antes, no entanto. Não quero desapontar ninguém, prometendo datas de lançamento que não poderei cumprir.

Capítulo Um

A borda fria e sem brilho da faca desce para o meio do meu corpo. O único som que ouço é o da minha respiração aterrorizada.

Eu não posso ver. A venda nos meus olhos não me deixa. Não posso me mover. As amarras em volta dos meus pulsos e tornozelos me impedem. Não posso nem mesmo gritar. O pano na minha boca abafa todos os sons.

O pior de tudo é que não posso me defender.

Nunca me senti tão exposta... ou tão amedrontada.

A faca para bem perto do meu umbigo. A ponta mergulha na minha carne. Minhas narinas se dilatam quando respiro fundo. Um pouco mais de pressão e a lâmina irá perfurar minha pele...

Stonehart cede. A lâmina se levanta. Meu corpo tenso relaxa por uma fração

de segundo.

“Isso é para lembrar você de quem está no controle”. A voz dele soa baixo e é rouca. E vem de algum lugar longe das minhas pernas abertas. “Lilly, o seu corpo é meu, mas sua mente ainda não é...”. Eu sinto a cama mudar de posição com o peso dele, enquanto ele se ergue entre as minhas pernas. “... Isso acontecerá em breve.”

Ele frisa as palavras lambendo para cima, uma vez, o meu clitóris.

A mais terrível e chocante onda de prazer se espalha através do meu corpo ao toque da língua dele. Meu instinto natural é apertar os joelhos e negar-lhe o acesso. Mas sou impotente contra as amarras.

“Você gostou disso”, Stonehart observa. Há uma presunção óbvia na sua voz que me faz odiá-lo ainda mais. “Posso ver o jeito como o seu corpo tremeu. Não é apenas o medo que provocou isso, é? É também...”, ele

esfrega os dedos de um lado a outro das minhas dobras, “... excitação.”

Eu quero abrir os meus olhos e gritar para ele que eu nunca sentirei nem um pingo de excitação quando estiver amarrada, nem quando for abusada como uma porca com as tripas expostas; que nunca sucumbirei aos sentimentos de prazer ou me esquecerei do gigantesco ódio que sinto por ele; e, acima de tudo, que ele nunca, mas nunca *mesmo*, irá possuir minha mente.

Mas tudo o que posso fazer é protestar de forma patética, de forma ininteligível, por meio da mordada que ele enfiou entre os meus dentes.

“Sim”, Stonehart continua. Suas mãos passam pelas minhas pernas, acima dos meus joelhos, indo para o meu sexo e descendo de novo.

Amaldiçoo minha pele por explodir em arrepios a cada toque suave!

“Sim, Lilly”. Eu posso ver você tremer por mim. Deus, você não sabe

quão bonita você está assim. Amarrada. Vulnerável. Exposta. E—”, sua voz se torna mais profunda, “—*toda minha.*”

Eu comprimo os olhos fechados e grito sob a mordança.

“Agora, agora”, ele exclama, ignorando o meu grito. “O que nós vamos fazer com você? Eu ainda tenho *isso*, você sabe”. Eu sinto o lado plano da faca gelada apertar contra a parte superior da minha coxa. “Mas isso não parece muito útil quando se está

amarrado. Agora, o que eu poderia fazer...”, ele começa a subir e a descer a faca sobre a minha pele, “... é cortar as amarras e sujeitá-la. Mas onde está a graça em deixar você ir? O problema, querida, é que estou mais do que pronto.”

A cama se mexe novamente quando Stonehart se inclina sobre o meu corpo. O tecido macio de suas calças se esfrega contra as minhas pernas. Eu posso sentir sua ereção bem abaixo do meu umbigo.

“Claro, há esses seus seios maravilhosos”, ele diz. “Esses bonitos e magníficos seios”. Ele gira a faca em volta de um dos seios e usa a ponta para apertar o mamilo. “Seria uma pena se a lâmina deslizesse bem agora, não seria?”

A fria indiferença na sua voz provoca em mim uma nova onda de medo. Ele não ousaria... *ou sim?*

Repentinamente, a precariedade da minha condição se torna ainda mais

horripilante. Quando sinto a lâmina apertar o meu mamilo para frente e para trás, tudo o que penso é como seria fácil para ele *deslizá-la*... e quanta dor me consumiria se ele fizesse isso.

Nesse momento, começo a chorar.

Você não imagina como é humilhante começar a chorar quando os seus olhos e boca estão tapados. Como é absolutamente mortificante ouvir os sons patéticos e abafados alcançar os seus próprios ouvidos. É melhor admitir a

derrota. É você—ou o seu corpo—
admitindo o verdadeiro desespero da
uma situação.

É dar-se por vencido.

Stonehart exclama: “Doce Lilly”,
roçando o polegar na minha bochecha.
“Doce, doce Lilly. Shh, shh. Vamos,
vamos. Não chore. Eu prometo que não
vou machucar você...”

A bochecha dele roça na minha e
ele termina com uma voz horrível e
rouca no meu ouvido: “... *muito*.”

O próximo som que ouço é o do cinto dele sendo tirado. O restante da noite se submerge no som abafado e débil dos meus soluços.

Capítulo Dois

Eu desperto, na manhã seguinte, de um sono terrível, agitado e entrecortado.

Stonehart não apenas transou comigo na noite passada. Ele fez isso de uma forma que eliminou todos os traços de humanidade do ato. Ele apagou qualquer aparência de doçura ou compaixão, guardadas da noite que passamos juntos na sua cama, apenas um ou dois dias atrás.

Foi humilhante. No fim das contas, eu estava agradecida pela venda nos olhos. Eu não sei como eu teria sobrevivido se tivesse que olhar nos olhos dele.

A sequência inteira de eventos parecia algo como um pesadelo. Eu não podia me mover. Estava inteiramente à sua mercê. Inferno! Eu poderia ter sido um cadáver e ele não teria notado a diferença.

O que mais me assustou foi a

maneira como Stonehart usou o meu corpo, como se fosse um vaso vazio. A presença da faca tornou tudo pior. Eu não tinha certeza se ele pretendia usá-la ou não. Eu não tinha certeza se, ao final, ele iria simplesmente cortar minha garganta e acabar com isso.

Mas a faca se tornou mais evidente depois que Stonehart lançou o seu esperma sobre a minha barriga desnuda.

“Eu marquei você como minha propriedade”, ele diz, com a voz rouca,

“mas às vezes acho que eu gostaria de algo mais permanente. Que tal, Lilly? E se eu esculpisse minhas iniciais em você, bem... *aqui?*” Ele pressionou a faca abaixo do meu seio esquerdo. “Não seria legal? Uma cicatriz permanente em que se lê *J. S.* Você pode imaginar isso?”. Ele aumentou a pressão da faca. “Devo fazer isso, Lilly-flor? O que você acha?”

Felizmente, o tremor frenético da minha cabeça o dissuadiu da ideia.

“Uma vergonha”, ele disse, enquanto tirava a faca da minha pele. “Mas eu prometi que não a machucaria se você obedecesse. Como você sabe”, ele disse, se levantando, “eu sou um homem de palavra”.

Então, ele saiu, mas não sem antes enfiar os dedos nos meus cabelos e puxar minha cabeça para trás para me beijar com violência.

Claro que ele também cortou as amarras que seguravam meus braços e

pernas.

Eu esperei até ter certeza de que ele tinha ido embora, para poder me mover com dificuldade. Tremendo, tirei a venda dos olhos e a mordaça. Então, fraca demais para fazer qualquer outra coisa, eu me enrolei para o lado, coberta por um cobertor, e tentei dormir.

Esta manhã, a luz do sol está refletindo contra os azulejos brilhantes do meu quarto. Eu olho para a bonita e

imensa viga de madeira no teto e penso em todas as câmeras que estão lá.

Elas viram tudo o que se passou ontem à noite.

Tudo o que eu quero é me arrastar até um buraco e morrer.

Por muito tempo, eu apenas estive ali, contemplando o que aconteceu com a minha vida. Tudo o que eu dei duro para alcançar foi tirado de mim por conta dos caprichos de um louco.

Autonomia. Autossuficiência. *Minha*

educação.

Tudo perdido.

Com o tempo, a fome me impulsiona
a me levantar.

Descubro que me mexer é
desconfortável. Stonehart transou
comigo para me *ferrar*. Além do mais,
todos os músculos das minhas pernas
estão como câibra depois de elas terem
ficado presas na mesma posição por
tanto tempo, ontem à noite.

Eu cambaleio até o chuveiro,

mancando mais do que andando, e ponho a água no mais quente que posso. Ela começa a esquentar a minha pele. Eu me esforço para me manter sob a água que cai.

O prazer de ser queimada parece bem-vindo, de certa forma. É mais puro do que o incômodo que senti ontem à noite. Se eu fico aqui o suficiente, a corrente de água e a condensação me ajudam a esquecer por poucos, mas preciosos segundos, onde estou.

Depois de uma hora ou mais, eu saio e me enxugo. Minha pele está macia e vermelha.

Gosto dessa sensação. É algo que *eu* fiz a mim mesma. Stonehart não teve participação.

Quando caminho até o armário, como um zumbi, um pensamento borbulha na superfície da minha mente: esse tipo de comportamento é alarmante e similar aos primeiros estágios da automutilação.

Eu prefiro fingir que não prestei atenção ao aviso.

Depois de me vestir, vou até o toucador e me olho no espelho. Meu rosto e pescoço estão intensamente vermelhos.

Merda. Por um momento, sinto medo de ter estragado minha pele. Não por causa dos últimos efeitos sobre *mim*, mas porque eu me lembro da estipulação de Stonehart sobre o tamanho do corpo e aparência. Uma

dessas regras verbais era uma restrição quanto a eu estragar meu corpo de alguma maneira.

E se ele faz isso?, penso com amargura. Isso está muito bem.

Meu estômago ronca de novo, me lembrando da razão de eu ter saído da cama pela primeira vez. Por meio segundo, penso em fazer uma greve de fome, apenas para recuperar algum grau de controle sobre a minha vida.

Eu rejeito a ideia tão rápido como

ela surge. Primeiro, porque isso chatearia Stonehart. Segundo, porque eu seria a única pessoa a sofrer.

Eu caminho pelo corredor para a casa principal. Estou de mau humor. Não sei para onde foi toda a minha motivação.

Vai ver Stonehart fodeu tudo em mim.

Esse sentimento parece carregar um traço de humor seco. Não é. É uma “avaliação apática” da minha situação.

Evite aliteração! Eu me lembro da minha professora de seminário do primeiro ano gritando comigo, em tom de brincadeira, embora fosse sério. E —*finalmente*— a lembrança me faz rir. Ela teria tido um chlique se eu tivesse escrito “avaliação apática” em algum dos meus textos de escrita criativa.

Eu chego ao gigantesco corredor de acesso. Raios de sol entram por todas as janelas, fazendo o candelabro brilhar no alto.

Por um segundo, eu fico lá,
admirando a beleza da casa.

Eu acredito que o dito popular, de
que as aparências enganam, se aplica
aqui mais do que nunca. Se eu tivesse
visto o interior da mansão de Stonehart,
antes de ser capturada, jamais suporia
que seria o covil de um verdadeiro
monstro.

Duas vozes masculinas vêm do
fundo do corredor, fazendo o meu corpo
liberar uma rápida e agitada explosão de

adrenalina. Eu pulo, o coração disparado... e me dou conta de como minha reação é estúpida.

Jesus, Lilly, eu repreendo a mim mesma. São apenas vozes! Quando foi que você se tornou tão medrosa?

Eu aplaco o meu medo um pouquinho, argumentando que é a falta de sono que me fez tão desligada hoje e não o que Stonehart me fez.

Mas é claro que sei que isso é uma mentira.

Eu penso na possibilidade de voltar para a varanda para não ver ninguém. Então, chocada com a minha falta de coragem, ergo os ombros e caminho na direção das vozes.

Eu sou a mesma mulher que sempre fui, repito para mim mesma. Não deixe a circunstância mudar você. Não deixe Stonehart vencer.

Eu chego a uma das salas de estar e encontro Stonehart recostado em um sofá de couro preto, os braços apoiados, em

absoluto conforto. Ele está falando com um homem que nunca vi antes.

O homem é mais jovem do que Stonehart. Ele é, provavelmente, menos de uma década mais velho do que eu. Ele parece... bem, oprimido seria um eufemismo. Embora Stonehart esteja completamente à vontade, o homem está nervoso como um filhote de pássaro que avista uma cobra nos galhos de uma árvore. Ele está sentado com a coluna ereta, como um arranha-céu, e continua a

secar as mãos em um gesto obsequioso.

Estou surpresa com a aparência de Stonehart. Pela primeira vez, desde que eu o conheço, ele está vestindo uma roupa que não seja um terno impecável. Ele veste jeans, uma camiseta pólo, preta e justa, que mostra sua cintura perfeita e o peito forte. As mangas curtas apertam os braços dele perfeitamente. Enquanto ele dá pequenos toques no sofá, eu vejo os músculos dos braços dançarem.

Em suma, ele parece mais relaxado e humano como eu nunca o vi.

Estou a ponto de voltar, para não interromper algo importante, quando ele me vê. E então—maldito homem—um sorriso honesto e genuíno brota no rosto dele, tanto que meus joelhos ficam bambos.

“Lilly”, ele diz, calorosamente, enquanto se levanta e corta o companheiro no meio da fala. “Finalmente, você está de pé.”

Ele caminha na minha direção. Eu fico surpresa quando ele se inclina para beijar minha testa, num sinal claro de afeição que ele nunca demonstrou. Ele desliza o braço até a minha cintura e volta para o seu amigo, que se levantou e começou a arrumar o cabelo, sem dúvida para tentar deixar uma boa primeira impressão.

“Lilly, este é o Esteban”, Stonehart explica, guiando-me para frente. “Esteban, esta é Lilly Ryder. Minha...”,

ele interrompe a fala tão rapidamente que nem é possível perceber, “... namorada.”

Esteban sorri para mim e estende a mão. “Como vai você?”

“Bem, obrigada”, eu respondo, totalmente no piloto automático, meio zozza pelo choque.

Namorada dele?

Stonehart nos conduz de volta para o sofá. Ele se senta e cruza as pernas enormes, em seguida põe um braço

sobre os meus ombros e me puxa para perto. Esteban se senta e espera.

“Hum!”. Stonehart vira o rosto para mim e encosta o nariz no meu cabelo para me cheirar. “Você está muito cheirosa hoje, Lilly”, ele diz, enquanto aspira o perfume. As palavras soam tão baixo que tenho certeza de que o objetivo é que apenas eu as ouça.

Esteban limpa a garganta. Stonehart se volta para ele: “Continue”, e assente com a cabeça.

Esteban toma fôlego. Ele parece mais nervoso do que antes. “Então”, ele começa, lançando um breve olhar para mim. Ele expira, muda o que ia dizer, e fica vermelho. “Sinto muito, mas nós realmente deveríamos ter essa conversa com...”, ele titubeia, movendo os olhos entre mim e Stonehart, “... outra pessoa presente?”

“Eu não tenho segredos com Lilly”, Stonehart diz com a maior convicção. “Ela pode ouvir sobre qualquer coisa

que eu faça. O que você estava dizendo?”

“Bem, eu estava dizendo como...”

Eu deixei a voz de Esteban me afetar quando eu me sentei lá, chocada diante da declaração de Stonehart. Ele não tem segredos comigo? *Realmente?*

O que estava acontecendo, pela maneira como a mão dele me apertou os ombros quando ele disse aquilo? Se aquilo tivesse vindo de qualquer outra pessoa, eu estaria certa de que fora um

gesto de proteção implícita.

“... então veja você”, as palavras de Esteban me trazem de volta ao presente, “... a Dextran Technologies pode oferecer às Indústrias Stonehart a experiência que estão buscando. Na verdade, não há ninguém melhor posicionado para alavancar nossas parcerias estratégicas existentes. No caso de uma fusão, as Indústrias Stonehart vão ganhar o controle sobre —”.

“Sem fusão”, Stonehart interrompe.

“Uma aquisição.”

Esteban limpa a garganta. “Sim”, ele limpa a garganta de novo, “eu estava com a esperança de persuadi-lo a reconsiderar que parte da—”

“Não”, Stonehart o interrompe. A palavra proferida não é cruel ou taxativa. Ela simplesmente é. “Não vou tolerar fusão e não vou perder o meu tempo com qualquer outra coisa que não seja aquisição. Você sabia dos termos

quando eu o convidei para vir aqui”, ele levanta a sobrancelha. “Você insiste em tentar mudá-los a essa altura do jogo?”

As palavras de Stonehart carregam mais peso e poder do que qualquer coisa que eu já ouvi.

“Não, não”, Esteban volta atrás rapidamente. “Foi apenas uma sugestão.”

“Lamentável.”

Esteban engole a saliva e segue em frente. “Sim”, ele balança a cabeça.

“Você está certo, claro. Sim. De toda forma, em caso de *aquisição*, as Indústrias Stonehart teriam acesso imediato às conexões da indústria tão prezadas por nossas firmas rivais, enquanto Dextran—”

“Perdão”, Stonehart levanta uma das mãos. “Eu me sinto péssimo, porque acabo de me dar conta de que Lilly está sentada aqui sem saber absolutamente nada sobre a nossa conversa”. Ele olha para mim e sorri. “Esteban é o fundador

da empresa de tecnologia chamada Dextran. Eles produzem um dos melhores chips de silício do Oriente Médio. Eles são donos das fábricas usadas pela Intel para fabricar os seus processadores em Israel.

“Infelizmente”, diz Stonehart, olhando só para mim, “a Dextran sofreu com as malsucedidas decisões gerenciais nos últimos meses. Eles estão perto de se tornarem inadimplentes com os empréstimos feitos, embora possuam

uma das mais valorizadas patentes da indústria atual. Eu convidei Esteban para vir aqui para discutirmos a possibilidade de um acordo de compra amigável por uma companhia com poder econômico suficiente para negociar condições favoráveis para o pagamento das dívidas da Dextran.

Ele para por um momento e olha pela janela para o mar espumante. “A posição de Esteban é complicada, Lilly. Ele tem uma mente brilhante para

hardware—”, vejo o rosto de Esteban reluzir, “—mas um conhecimento limitado do mundo dos negócios. Na verdade, é fascinante como a Dextran durou tanto com ele no comando.”

Esteban reage com raiva. “Nossas táticas comerciais nos fizeram prosperar por quinze anos—”

“Mas à custa de empréstimos e ajuda do governo”, Stonehart o interrompe. “E agora que a fonte secou, aonde isso levará você? Eu sei tudo que

há para saber sobre a sua companhia, Esteban. Eu já tomei uma decisão sobre o fato se vou ou não seguir com a aquisição.”

O afã de Esteban o trai. Ele se senta —como se fosse possível—bem ereto. “Já?”, ele pergunta.

“Sim”, Stonehart retoma depois de uma pausa. “Mas, certamente, você poderia ter deduzido isso. A razão verdadeira porque convidei você a vir aqui, Esteban, é decidir se vou ou não

demitir você depois da aquisição.”

Os olhos de Esteban se arregalam.

“Você me insulta—”

“A honestidade é um insulto?”,

Stonehart rebate. “A verdade, Esteban, é que o considero fraco. Eu sempre digo que os empregados devem refletir os valores da própria empresa. Esse raciocínio se aplica ainda mais àqueles que estão no topo.”

“A aquisição vai acontecer. Eu confirmei essa manhã. Nesse momento

em que conversamos diferentes filiais das Indústrias Stonehart estão comprando o estoque remanescente da Dextran. Até o final dessa nossa conversa eu terei o controle majoritário. Sendo assim, é apenas uma questão de convencer os demais acionistas a vender o que eles têm e a aquisição estará completa.

Esteban se levanta.

“Eu nunca—”

“Sente-se homem”, Stonehart

manda. Ele se inclina para frente e tira a mão do meu ombro. Ele é toda intensidade. “Você não pode mudar nada agora. Você veio da América procurando por um comprador—”, Stonehart lança um olhar triunfante, “e você me encontrou.”

“O governo israelense nunca irá ratificar uma aquisição hostil.”

“Você acha que não?”, Stonehart ri. Ele enfia a mão no bolso da calça e pega uma folha de papel dobrada. Ele a

entrega a Esteban. “Então me diga, por favor: o que é isso?”

Esteban pega o papel de Stonehart. Ele o observa com atenção, como se fosse uma bomba-relógio, desdobra-o devagar sobre a perna, endireitando as dobras, e lê.

Leva apenas um tempo para sua expressão mudar. Os olhos dele expressam raiva. “O que é isso?”, ele pergunta. Ele parece tremer. “Quando você conseguiu isso? Como?”

Stonehart se recosta, põe o braço em volta de mim e encolhe os ombros. “Veja você”, ele diz com um sorriso triunfante, mas sem atingir o olhar, “ajuda muito ter amigos em altas posições. O Ministro de Economia israelense, por exemplo, se beneficiou em várias ocasiões do relacionamento com a minha empresa. Isso é apenas....”, Stonehart faz um movimento vago na frente dele, fingindo buscar pela palavra certa, embora eu saiba que está

só adiando o golpe fatal, “... ele me devolvendo o favor.”

“Você não pode fazer isso!”,
Esteban protesta. “Você não pode—”

“Eu já fiz”, Stonehart diz
suavemente. “Quem você pensa que me alertou sobre os problemas com a Dextran? O acordo é tão bom que está feito. Eu me preocuparia agora, se eu fosse você, é com o tipo de impressão que está deixando no homem que é dono de todo os seus negócios.”

Esteban olha para Stonehart, desafiador. “Eu sou o melhor que há. Ninguém mais chega nem perto. Você seria um tolo se me demitisse.”

“Um tolo sob o seu ponto de vista, talvez”, Stonehart entoa preguiçosamente.

“Os funcionários da Dextran têm lealdade. Nós somos como uma família. Eles não vão aceitar um usurpador.”

Stonehart ri. “É o que você pensa? Que eu irei tomar o controle da Dextran

nas operações do dia-a-dia,
pessoalmente? Se sim, você é mais
idiota do que eu pensava.”

“Quem mais?”, Esteban o desafia.

Stonehart olha para mim. “Lilly.”

Capítulo Três

Um silêncio surpreendente invade a sala. Eu não sei quem está mais surpreso: se eu ou Esteban.

Ele se recupera primeiro. Depois de resmungar algumas coisas sem sentido, ele desdenha. “A garota?”, ele diz.

“Sim”, Stonehart responde. “E faria bem a você se dirigir a ela com mais respeito. Pelo que pude saber, todos os seis membros de sua família trabalham

na Dextran. Acredite em mim quando eu digo que você não gostaria de ver Lilly vingativa.

“Isso é um ultraje”, Esteban declara. “Uma palhaçada!”, ele se levanta. “Eu vim aqui porque você me convidou para discutirmos uma proposta de negócio. Em vez disso, eu encontro... eu encontro... *isso!*”, ele solta saliva, olhando para mim.

Stonehart se levanta também. Ele caminha na minha frente, me protegendo

do olhar ameaçador de Esteban. “Então, sugiro que você saia.”

O maxilar de Esteban mexe furiosamente, mas ele continua a ser o homem submisso que vi pela primeira vez. Ele não é um lutador.

Assim, fiel à sua natureza, ele vira e sai da sala pisando duro. Sozinho.

Depois que a porta da frente bate, Stonehart se dirige a mim. Ele esboça um sorriso receptivo e relaxado, enquanto esfrega as mãos.

“Então”, ele diz. “Isso foi bem, eu acho.”

Minha mente ainda está zonza, enquanto tento compreender o que Stonehart quis dizer quando sugeriu que eu assuma o lugar de Esteban.

“Você estava brincando”, eu digo, em voz baixa.

Stonehart parece levemente bem-humorado diante da minha incredulidade. Ele nega com a cabeça, como se ela fosse uma peça giratória.

“Não, Lilly. Eu lhe disse várias vezes que sou um homem de palavra.”

“Mas...”, eu engasgo. “Quero dizer... *eu?*”

“Sim, você”, ele sorri. Não há crueldade nos seus olhos ou voz.

É como se ontem nunca tivesse acontecido.

O que me preocupa.

“Você provou ser mais do que capaz de se manter de pé por sua conta”,

ele continua, sentando-se no assento antes ocupado por Esteban, bem na minha frente. Ele ri. “Eu sei. Você se lembra do que eu disse ao meu conselho da empresa depois que nos conhecemos?”

“Sim”, eu sussurro, ainda cheia de descrédito.

“Eu disse que você tem mais coragem do que todos eles juntos”, ele faz uma pausa para sorrir para mim novamente. “Eu quis dizer isso.”

Eu me esforço para oferecer a imitação de um sorriso, embora eu não sinta vontade.

“Claro, você teria a minha direção, mas você também terá alguma autonomia sobre as operações. E mais: à medida que você as mereça e prove que é capaz.”

“Você está *falando* sério?”, eu digo.

A bochecha esquerda dele se move em um tique nervoso. “Sim, eu já disse a você. Não me faça ter que repetir.”

“Mas... por quê?”

“Lembra-se da primeira vez que nos falamos? Foi ao telefone. Eu disse a você que eu ofereceria reparações pela forma como você foi demitida.”

“Sim”, eu me lembro, “mas nunca pensei que...”

“Que eu cumpriria aquela promessa?”, ele ri. “Você pensou que era apenas um truque para fingar você, para que eu pudesse trazê-la aqui?”. Ele abre os braços como se fosse abraçar a

sala inteira.

“Bem...”, eu pisco, surpresa por termos essa conversa, apesar das regras dele. “... Sim”, eu finalmente respondo.

Ele expira e põe a mão sobre o coração. “Lilly, você me feriu. Você realmente me vê como esse tipo de monstro?”

Antes que eu possa me deter, minhas mãos começam a se mover em direção à coleira. Stonehart percebe.

“Ah”, ele diz. “Isso. Sim, eu posso

ver como esse pequeno objeto pode distorcer a sua percepção sobre mim. Mas você precisa compreender, Lilly, que eu tenho que manter certo controle sobre você. Nós dois sabemos que você pode ser bastante... intencional.

Eu apenas o encaro.

“A aquisição não vai ser fácil, claro”, ele prossegue. “Vai enfrentar reação adversa. Por parte do governo. Dos empregados. Os Estados Unidos e Israel fingem ser grandes amigos, mas é

uma aliança complicada que ambos os países desejam rescindir. A população de Israel não aceitará bem que um conglomerado estrangeiro assuma o controle de sua empresa de tecnologia mais preciosa.”

“E você me quer...”, eu engulo a saliva. “Você me quer, na verdade, para...”

“Para assumir a posição de Esteban como CEO, sim”, Stonehart suspira. “Puxa, Lilly, é algo tão difícil de

compreender?”

Ele se levanta. “Será um ano ou mais até que a companhia esteja pronta para tê-la no comando. Isso nos dá tempo de sobra para solucionar qualquer problema pendente que possa ter feito minha proposta difícil. Problemas relacionados à confiança, talvez. Os olhos dele endurecem quando se direcionam para mim. “Lembre-se, Lilly, que o contrato que você assinou pode ser por mim alterado a qualquer

momento. Não me obrigue a forçá-la a assumir o controle da Dextran a partir da adição de uma nova cláusula. Eu prefiro que você aceite de livre e espontânea vontade.”

Eu não sei se rio ou se choro.

Isso deve ser uma brincadeira.

Certo?

Stonehart olha para fora.

“Caríssima”, ele diz, “faz um dia maravilhoso lá fora. Você gostaria de ir a um piquenique? Seria um absurdo

desperdiçar o fim de semana dentro de casa.”

Eu engulo a saliva quando me lembro da última vez que tentei ir lá fora.

Ele se volta para mim. “Não?”, ele pergunta. “Eu acho que receber como presente um futuro e apropriado trabalho deveria contar mais do que um simples PCB, não acha? Na verdade, eu diria que são merecidos pelo menos uns... quatro.”

Meus olhos se arregalam. Eu faço uma conta rápida de cabeça. A cabeça da pomba foi o PCB número seis. O que significa que tenho dez. *Dez* significa... um novo tipo de liberdade.

A liberdade de ir lá fora.

“Sério?”

“Sim, é sério”, ele diz sorrindo. E caminha até mim e me oferece a mão.

Depois de um segundo de hesitação, seguro a mão dele. Seus dedos fortes e calorosos se enrolam na palma da minha

mão, me embalando e me fazendo sentir segura.

Essa é a *última* coisa que eu deveria sentir por Stonehart.

Mas não posso lutar contra isso. Não posso. Não posso mudar a forma como o meu corpo a ele reage.

Eu não deveria gostar disso, com certeza. Eu deveria saber que, logicamente, está errado em todos os sentidos.

Mas eu não posso fazer nada quanto a isso.

Ele me faz parar. Sem avisar, levanta nossas mãos. “Gire”, ele toma fôlego.

Eu giro. Um riso bobo escapa quando rodopio uma vez.

Stonehart ri para mim com olhos calorosos e gentis. Ele me puxa para si de forma que nossos quadris estão se tocando. Sou lançada em desequilíbrio pela mudança radical no seu

comportamento e resolvo que é melhor, simplesmente, não pensar sobre isso.

Relaxe.

Ele beija o alto da minha cabeça e, então, diz: “Ora bolas. Vamos ver se Charles não consegue nos servir o almoço. Eu demorei muito a lhe mostrar o terreno. Hoje parece ser um dia de celebração.”

Capítulo Quatro

Eu solto a mão de Stonehart quando ele passa pelo umbral da porta principal. Eu mal posso acreditar que isso está acontecendo.

Ele olha para trás. “É perfeitamente seguro, Lilly. Venha.”

Eu toco o colar preto e liso. “Está desligado?”

“Não”, Stonehart suspira. “Você sabe que não, mas o limite foi estendido.

Desde que você esteja na minha propriedade, você estará bem.”

Ele volta e segura as minhas mãos. Ele me puxa para frente com um movimento suave. “Vamos.”

Eu concordo com a cabeça e dou um passo na direção da porta aberta. Tão logo eu a atravesso, meu corpo inteiro fica tenso de expectativa...

Mas nada acontece.

Stonehart me agracia com um

sorriso indulgente. “Eu lhe disse que você estaria segura.”

Eu olho para o chão. Vejo os meus pés espalhados sobre o passeio de concreto que conduz à porta da frente. Dou outro passo para frente e, então, olho sobre os meus ombros para a casa, agora a meio metro de distância de mim.

Dois passos completos. E começo a me distanciar.

Isso se parece com uma longa distância.

Stonehart observa tudo com um sorriso de orgulho.

Eu toco a coleira novamente. Ela ainda está inativa.

Então, numa repentina euforia, eu corro para frente. Sinto o vento no meu cabelo e o calor e a luz quente do sol da manhã sobre a minha pele. Eu me sinto mais livre do que me senti em anos a fio. Nada pode tirar esse momento de mim—

Sou forçada a parar pelo repentino aperto de mão firme de Stonehart na

parte de cima do meu braço.

Eu olho para ele. Em um instante, minha alegria acaba. O *frio* Stonehart está de volta e ele parece furioso. Tentando fugir?”, ele rosna.

“Não, Jeremy”, eu digo, em pânico. “Eu estava apenas—”

E, então, sua expressão se transforma. A fúria vai embora, substituída por pura alegria quando ele começa a rir.

“Estou brincando”, ele diz, sorrindo

para mim como um garoto de escola.

“Afinal de contas, se você correr, para onde iria?”

“Aha, muito engraçado”, eu digo secamente. Além do mais, ver Stonehart —Jeremy Stonehart, CEO e presidente das Indústrias Stonehart—fazendo uma piada faz todo o pânico que senti perder a força e desaparecer.

“Gostaria de fazer um passeio pela propriedade?”, ele pergunta, me oferecendo o braço. “Eu tenho a

sensação de que você passará bastante tempo ao ar livre de agora e diante. A menos que eu falhe na minha suposição...?”

Eu sorrio para ele. “Você está completamente certo”, eu digo, segurando o seu braço. “E eu adoraria um passeio de verdade.”

Capítulo Cinco

Minha vida está tão ferrada. É impossível dizer que parte disso é realidade e que parte é apenas encenação.

A propriedade onde fica a casa de Stonehart é imensa. Excepcionalmente grande. Enquanto ele me conduz por ela, não consigo deixar de me perguntar quanto ele deve ter pagado para adquirir este enorme território na Califórnia. A

casa fica tão longe dos portões de entrada da propriedade que gastamos vinte minutos andando. Nós seguimos por uma estrada sinuosa, com curvas entre as árvores.

Parece-me um lugar maravilhoso onde caminhar. Apenas caminhar. Sem medo de levar choque ou ser machucada. Sob a cobertura de todas as árvores, consigo esquecer onde estou.

Mesmo tendo Stonehart ao meu lado, isso não prejudica o meu ânimo.

Na verdade, eu posso dizer que agora prefiro estar *com* ele a estar sem ele.

É um sentimento tão estranho e bizarro. Mas Stonehart é um homem estranho e bizarro. Uma hora ele pode ser cruel e raivoso; logo em seguida, é doce, gentil e compassivo.

Eu disse isso antes, mas estar com ele bem agora quase me faz sentir que tudo o que aconteceu na noite passada foi apenas um pesadelo. Não há animosidade pendente entre nós.

Ele brinca comigo pela forma como salto fora do caminho quando ouço uma abelha se aproximando. De vez em quando, e de forma repentina, ele me puxa e me beija com uma paixão que deixa a minha cabeça girando.

O bom humor de Stonehart é contagiante. Eu estou rindo e brincando com ele com tanta facilidade como se fôssemos velhos amigos. Nesses preciosos momentos, não me sinto como uma prisioneira, mas como uma igual.

Ou, pelo menos, como sua amante real e não apenas uma... puta.

A dupla personalidade de Stonehart me preocupa. Quem é ele? Ele é o homem do meu lado aqui e agora? Ou ele é aquele que rasga as minhas roupas e transa comigo com selvageria?

Ele poderia ser as duas pessoas? Eu quero dizer que ele obviamente *é*—não significa dizer que ele tenha um demônio interior que pratica todas as coisas horríveis que ele fez para mim—, mas

eu quero dizer isso de uma maneira diferente. As duas personalidades não me fazem pensar em alguém que seja bipolar. Eu saberia. Eu estudei sobre isso.

Não. As duas personalidades parecem ser mais *seguras* do que isso. Mais associadas a quem Stonehart é como pessoa.

Ele está sempre no controle. Eu sei disso. Ele não perde o controle quando se torna dominador. Ele sempre sabe

exatamente o que está fazendo.

Isso é uma atitude consciente, então. Ele decide que quer me tratar de certo modo e assim o faz.

Isso significa que ele está, assustadoramente, no controle de suas emoções. Esse tipo de subordinação é uma espécie de fardo.

Mais uma vez, eu volto à mesma pergunta de sempre: *Por quê?* Por que ele está fazendo isso comigo? Por que, se está em sua natureza ser cruel e

gentil, ele não prescinde da crueldade?

Eu olho para ele do canto do olho. Ele está radiante, com a mão apertada na minha. Está me contando uma história que estou ouvindo pelas metades. Tem a ver com alguma aquisição anterior...

Espera. Volto à realidade com uma espécie de sobressalto. Eu o ouvi mencionar a Dextran.

“Perdão. Você pode repetir o que disse?”, eu pergunto.

Isso é o tipo de coisa a que

Stonehart reagiria horivelmente se estivesse no outro tipo de personalidade. Ao invés disso, ele apenas ri e diz: “Sonhando acordada novamente, é isso?”

“É o ar fresco”, eu digo. “Depois de ter respirado ar condicionado por tanto tempo, a natureza está me deixando eufórica.”

“Humm”, ele sorri. Vou me certificar de perguntar à natureza se ela pode me dar algumas dicas, então, da

próxima vez que eu vê-la.”

Eu rio. “Penso que deve ser apenas uma coisa de menina.”

Ele joga a cabeça para trás e ri.
“Não me diga que você não experimentou a magia desses dedos?”, ele pergunta. Então, de forma súbita, as mãos dele sobem e ele começa a fazer cócegas nas minhas axilas e em todos os meus pontos sensíveis.

Eu grito e luto para que ele pare.
“Pare, Jeremy! Pare com isso!”

“O que é isso?” ele ri, correndo atrás de mim quando eu escapo. “Quer mais?”

“Não, Jeremy! Pare com isso!”, eu rio quando ele me agarra e põe os braços em volta da minha cintura. Eu dobro o meu corpo e rio histericamente quando os dedos dele continuam entrando e saindo, o que me faz rir mais e mais.

“Não, não, pare com isso!”, eu imploro. Eu tento me defender, mas ele é

implacável. Meus joelhos perdem a força e caio sobre a grama suave.

Stonehart cai bem em cima de mim. Estou respirando com dificuldade de tanto rir, mas, como estou deitada no chão, olhando para ele, vejo que alguma coisa muda nos seus olhos. Eles parecem estar famintos. Eles passeiam sobre a minha face, parando nos meus lábios, alcançando o meu pescoço, antes de descerem para acompanhar a extensão do meu decote.

Eu sinto uma onda de excitação súbita correr pelo meu corpo. Stonehart deve senti-la, também, porque o seu pênis faz uma contração repentina contra a minha perna.

Nossos olhos se encontram. As mãos dele se movem devagar pelo meu corpo, tocando delicadamente os meus seios. Ele aperta os meus mamilos, sob a minha camiseta—não estou de sutiã, segundo as regras dele—e dou um suspiro rápido e curto.

“Eu adoro ver você assim perturbada”, ele diz com uma voz rouca, que faz o meu interior responder com uma excitação imensa. “Mas, acima de tudo, eu adoro ver você sem fôlego.”

E a cabeça dele se curva e ele me beija.

Nossas bocas se conectam em paixão verdadeira. Eu estou tão faminta por ele como ele está por mim. Estou tão desesperada por ele como ele por mim.

Talvez até mais do que ele.

Eu gemo com o beijo de Stonehart, enquanto as mãos dele massageiam os meus seios. O seu corpo rígido e sólido está grudado ao meu, me fazendo sentir pequena, feminina e—outra vez—protegida.

Eu não questiono mais esse sentimento. Se eu me sinto protegida desse jeito quando estou com ele, assim seja. É um *bom* sentimento de se ter. Melhor do que estar em guarda o tempo todo.

Esses sentimentos são interrompidos quando Stonehart agarra as minhas costas e rolamos os dois. Agora, estou em cima dele.

Eu me liberto do seu beijo para respirar. Ele está tão sexy no chão. Seu cabelo ondulado está uma bagunça— uma cortesia das minhas mãos. Os olhos dele estão repletos de um misto de luxúria e ganância que me fazem sentir absolutamente desejada. As suas narinas se abrem a cada respiração pesada.

Suas mãos largas agarram a minha fina cintura. Seus dedos são grandes o suficiente para ter os polegares e os indicadores se tocando. Ou talvez eu tenha emagrecido. Eu *tenho* estado com uma dieta rigorosa desde que cheguei.

“Tire a roupa”, ele ordena.

Eu pisco uma vez. “O quê?”

“Tire a roupa para mim, Lilly-flor”, ele diz. Gentilmente, ele me movimenta para que eu me sente sobre ele. Eu posso sentir a ereção crescente sob sua

calça jeans.

Dou-lhe um sorriso tímido. Isso se torna malicioso quando vejo o desejo crescente no seu rosto.

Lentamente, eu toco a parte inferior da minha camiseta e a levanto para cima, expondo aos poucos a minha barriga nua.

As mãos de Stonehart se movimentam por um momento para liberar a minha roupa. Então, elas descem para onde estavam antes, bem

acima dos meus quadris.

Eu me esfrego para frente e para trás sobre o seu membro ereto, adorando o sentimento de controle que isso me dá, à medida que continuo a tirar a minha camiseta. Quando os meus seios ficam desnudos, Stonehart demonstra um desejo intenso. Os olhos dele se concentram sobre os meus mamilos eretos, mas suas mãos permanecem onde estavam, em volta da minha cintura.

Eu puxo a camiseta pela minha

cabeça e, então, sacudo o cabelo para o lado para dar a ele uma aparência selvagem. Tomada pelo desejo, ponho as mãos sobre a sua barriga dura e começo a rolar sua camiseta para cima.

“Sua vez”, eu digo.

Stonehart não protesta. Ele me deixa tirar sua camiseta, mostrando o seu corpo glorioso durante o processo. Minhas mãos trilham sobre os cumes de seu abdômen e chegam à linha média do seu peito. Suas mãos ainda não se

moveram, mas eu posso sentir seus olhos grudados nos meus seios.

Eu me sento de volta e começo a brincar com eles. “Você gosta disso, não gosta?”, eu pergunto, usando a minha voz mais melodiosa.

“Como você não acreditaria”, ele esbraveja, e se ergue para agarrar o meu pescoço e me puxar na sua direção. De repente, ele está me beijando novamente. Um tempo depois, nós dois estamos rolando no chão, os nossos

corpos um emaranhado de braços e pernas.

Vamos parar em um monte de grama a poucos metros. Minhas entranhas estão agitadas com o calor e estou consumida pela paixão que Stonehart está provocando em mim.

“Você já foi fodida ao ar livre?”, ele me pergunta, com um grunhido inebriante.

Eu mordo o lábio e balanço a cabeça, em sinal de negação. É tudo o

que posso fazer para evitar que eu implore: “Me coma. Me coma, agora!”

Ele olha para mim. Os olhos dele deixam um rastro de calor sobre a minha pele, enquanto eles exploram o meu corpo.

“Levante-se”, ele me diz. “Não vamos fazer isso no chão.”

Ele me solta e me põe de pé. Ele olha ao nosso redor e fixa o olhar em uma árvore. “Lá”, ele diz.

“Contra a árvore?”, eu pergunto

incerta.

“Isso mesmo”, ele afirma. “Vamos”, ele me impulsiona para frente, dando um tapinha na minha bunda.

Eu pulo. Quando olho para ele, atrás de mim, eu o encontro rindo diabolicamente.

Mas a alegria acaba logo que nós alcançamos a árvore maciça. “Ponha as suas mãos no tronco”, ele ordena de uma maneira que não admite recusa. “Curve-se. Abra as pernas. Deixe-me ver sua

buceta.”

O calor toma conta das minhas bochechas ao ouvir essas palavras. Mas obedecer Stonehart a essa altura é tão natural como respirar.

Eu faço o que ele me pede. Então, giro minha cabeça para trás e olho para ele sobre os ombros com o meu olhar mais sedutor.

“Olhos para frente”, ele ordena. Sem pensar, eu me volto para o tronco instantaneamente.

“Assim está melhor”, ele diz. Ele parece contente. “Não se vire para trás, a menos que eu lhe peça. Entendeu minha dama?”

Eu choramingo em concordância. Uma brisa fria sopra sobre o meu corpo seminu. Meus seios estão mais pesados, visto que estão pendidos.

Eu ouço Stonehart se aproximando. Eu sinto suas mãos em círculo em volta da minha panturrilha a percorrer todo o caminho pela minha perna macia. Ele

ergue minha saia e suas mãos seguram as minhas nádegas, abrindo-as bem.

Eu não consigo esperar. Eu quero— não, eu *preciso*—que ele comece a me foder imediatamente. Não é justo que ele tenha me deixado tão excitada e, depois, demore esse adorável tempo não fazendo nada!

“Não se mexa”, Stonehart sussurra. “Fique totalmente imóvel.” Eu ouço o barulho do cinto dele sendo aberto. Finalmente, parece que vou ter o que

tanto desejo...

Mas Stonehart continua a esperar.
As mãos dele rolam sobre a curva do meu bumbum e se movem para cima, pela distância da minha espinha dorsal, com um toque bem suave.

Eu quero virar a cabeça e olhar para ele, mas ele ainda não me deu permissão para isso.

Suas mãos agarram o meu cabelo. Ele fecha o punho e me puxa para trás pelas raízes do cabelo, nada exagerado,

mas o suficiente para causar um pouco de desconforto.

“Você é uma criatura magnífica”, ele sussurra ao meu ouvido. “E criaturas magníficas merecem ser preservadas dos horrores do mundo, para que não percam o seu brilho. Se dependesse de mim—”, sua voz baixa de intensidade, “—você nunca mais sairia daqui. Nada poderia estragar a sua beleza.”

Antes que eu possa pensar em uma resposta, ele faz uma curva com o cinto

sobre a minha cabeça. Ele o puxa uma vez e o cinto aperta direto a minha boca. Eu me mexo, mas ele segura com força o meu cabelo, de forma que a dor corra pelo meu couro cabeludo.

“Parada”, ele murmura. “Não se mexa. Não se preocupe. Eu vou foder você para valer e você vai querer gritar. O cinto...”, ele faz um traço com o dedo na minha boca, como se imitasse o cinto, “irá garantir que ninguém nos ouça. Agora, então”, ele bate no meu bumbum

outra vez, “lembre-se do que eu disse. Olhos para frente. Mãos no tronco. Não se vire para olhar para mim.”

Eu mordo o couro na minha boca, fazendo o possível para reprimir as lembranças da última noite. Eu não quero esse ato manchado pelas memórias.

Eu sinto Stonehart se posicionar atrás de mim novamente e pressionar os seus quadris contra os meus. O tempo todo, uma ponta do cinto está apertada

firme em sua mão, limitando o movimento da minha cabeça.

Ele puxa a respiração quando sua mão toca forte a minha nádega esquerda. Quando o polegar dele começa a fazer círculos em volta do buraco proibido, meu corpo inteiro fica tenso.

“Relaxe, Lilly”, ele diz. “Isso é novo para você, eu sei. Mas eu vou abrir os seus olhos para o vasto mundo de prazer que isso pode trazer.” Os círculos começam a pressionar um

pouco forte dentro de mim. “Relaxe. Não se contraia. Deixe o seu corpo ser levado. Dê-me o controle. *Confie em mim.*”

Como o polegar dele continua a contornar o mesmo lugar, afiado, movimentos de respiração em forma de pânico começam a tomar conta do meu corpo. Eu nunca experimentei brincar de sexo anal. As coisas foram feitas para *sair*, não para entrar. E nós nem mesmo temos lubrificante—

Eu suspiro quando o dedo dele mergulha no meu ânus. Eu tento me desprender, mas ele me atou com o cinto.

“Eu disse para você relaxar”, ele fala de forma dura. Ele está começando a parecer irritado. “Se você não fizer o que eu digo, Lilly, não vou dar a você o prazer de tomar o meu tempo. Sua voz se transforma em um grunhido inebriante. “Nós dois sabemos que estou pronto para foder você sem limites.”

A ameaça de ter algo muito maior do que a ponta do seu dedo polegar dentro de mim é suficiente para eu forçar o meu corpo a ceder.

“Bem melhor”, Stonehart diz. Outra vez, ele parece contente. “Eu não vou mentir. A primeira vez vai machucar. Mas vamos com calma...”, enquanto seu polegar começa a entrar e a sair de mim. A cada vez que ele faz isso, ele o empurra um pouco mais fundo. “... e ficará melhor.”

O sentimento é completamente estranho, equivocado e até parece que pode ser destacado de qualquer coisa que eu tenha desfrutado antes—

Do nada vem uma tênue pontinha de prazer, que se desfaz por um instante, como um floco de neve se derretendo sobre a pele quente. Mas eu posso senti-lo. Eu sinto isso de verdade!

“Você está começando a gostar disso”, Stonehart ri. “Eu sabia que você iria abraçar essa ideia. Agora—”, o

zíper dele se abre, “—vamos dar mais esse passo adiante.”

Eu perco o controle. Tento me afastar dele, amedrontada, e começo a me forçar para cima—quando percebo o cinto apertando.

“Não me faça acreditar que cometi um engano ao trazê-la aqui fora”, Stonehart adverte suavemente.

As implicações por trás daquelas palavras me fazem retomar o meu papel de prisioneira. Tudo o que experimentei

de mágico anteriormente se perdeu.

Eu debocho de mim mesma por ter acreditado, ainda que brevemente, que as coisas seriam um pouco diferentes hoje.

Elas nunca são. Elas nunca serão. Eu não posso me esquecer disso.

Assim, eu ajo como uma adulta, mantendo minhas mãos coladas à árvore e me preparo para encarar o que vier.

“Boa garota”, ele diz. “Agora, lembre-se do que eu lhe disse: *Relaxe.*”

Isso se parece mais ou menos com a pior ideia do mundo, nessa posição em que estou. Sem lubrificante, dificilmente vai dar certo e—

E os meus pensamentos são interrompidos quando o pau de Stonehart entra em mim. Eu suspiro sob o couro do cinto com a sensação de algo me penetrando.

Ambas as mãos dele estão nos meus quadris. A ponta comprida do cinto está pendendo solta em algum lugar sobre o

meu ombro. Eu reviro os olhos fechados contra a dor e respiro profundamente para dispersar a adrenalina que corre em mim.

“Calma”, Stonehart para. “Relaxe agora, Lilly”. Eu estou indo devagar. Pouco a pouco. Você está pronta para mais?”

Eu choramingo: “Não”, mas ele não me ouve. Ao invés disso, ele penetra mais fundo.

E assim isso prossegue, em uma

agonia infinda. Stonehart empurra a si mesmo para o orifício nunca explorado. Eu não o sinto apenas se abrir—sinto como se estivesse sendo partida em duas. E ele não está se movimentando rápido.

A única coisa a fazer é fechar os olhos e esperar que isso acabe logo.

“Meu Deus”, Stonehart grunhe. “Oh, meu Deus, Lilly. Estou quase chegando lá. Você pode senti-lo? Estou quase—”, ele dá uma última estocada e pressiona

o pau todo dentro de mim. “Ahh.”

Ele se inclina para frente, suas mãos correndo sobre as minhas costas. Ele vira a minha cabeça para o lado e solta um bafo quente no meu ouvido. “Você está pronta para ser adequadamente fodida?”

Eu faço um barulho incompreensível que espero que ele tome como concordância. Eu não quero fazer nada que o deixe irritado. Não agora. Não quando estou tão vulnerável.

“Então vamos lá”, Stonehart diz, e ele sai de mim em um movimento lento e demorado. Eu aperto os dentes e respiro com dificuldade. Ele enfia o pênis outra vez em mim.

Então, ele começa a pulsar atrás de mim. Eu mordo o couro contra a dor cortante. Cada simples sinapse no meu corpo está me dizendo para lutar contra a intrusão não natural.

Eu não posso. A única coisa que eu posso fazer é tornar essa experiência um

pouco menos miserável para mim.
Enquanto as lágrimas enchem meus olhos e correm pelas minhas bochechas, enquanto a dor de estar sendo dividida ao meio me consome, enquanto os movimentos de Stonehart se tornam mais violentos, mais bruscos e mais rápidos, eu faço tudo o que posso para fazer meu corpo relaxar e aceitar a dor de cada uma das estocadas cortantes de Stonehart dentro de mim.

Então, repentinamente, algo

miraculoso acontece. Aquele fino, breve e minúsculo sinal de prazer está de volta.

À primeira vista, penso que estou imaginando. Mas como Stonehart continua a me penetrar, eu sinto isso magnificamente junto com os seus grunhidos luxuriantes. Isso está, definitivamente, emanando das minhas entranhas. E eu... Eu nunca senti nada parecido.

A dor ainda está lá, não tenho

dúvida quanto a isso. Ainda é muito incômoda. Mas em algum lugar sob ela, como a luz trêmula de uma vela solitária numa catedral escura e vazia, está o que torna a experiência incomparável.

Eu me apego a esse pequeno prazer como uma mulher que está se afogando com um colete salva-vidas. Imagine a minha surpresa ao descobrir isso surgindo. Não é muito, claro, mas eu posso senti-lo crescendo. Isso ameniza um pouco a dor.

De repente, estou menos focada na minha própria dor e mais nos sons que Stonehart está fazendo atrás de mim. Seus grunhidos guturais estão cheios da mais completa luxúria e prazer. Enquanto ele entra e sai de mim, duro como eu nunca o senti, eu começo a entender o quanto ele está gostando disso.

Ele não está gostando disso porque me provoca dor. Não, ele está gostando disso por causa do desmedido prazer

que o meu corpo apertado está lhe dando.

E hoje, de longe, tem sido um dia magnífico. Por que eu iria estragar isso, lutando contra algo de que ele está gostando tanto? Eu o quero feliz. Um Stonehart feliz torna a minha existência muito melhor.

Assim, eu me dobro e me foco unicamente no crescente raio de prazer dentro de mim. Eu faço o que posso para relaxar e deixar os grunhidos de

Stonehart me afetar.

Eu não sei como a transição acontece, mas rapidamente ele não é o único a produzir sons de prazer. Eles também estão vindo da minha garganta.

Do nada, Stonehart sai de mim. “Vire-se”, ele ordena, quase sem fôlego. Eu me viro e repouso os meus olhos no seu corpo glorioso, coberto de suor e transpirando de prazer. “Ajoelhe-se”, ele diz. “Agora.”

Eu caio de joelhos no chão e olho

para ele. Ele está segurando o pênis com uma mão, movimentando-o, enquanto olha para mim.

“Tire o cinto da boca e a abra bem”, ele diz. Meus dedos trêmulos se atrapalham com a correia. Eu estou fascinada com o que vejo acontecer acima de mim. A visão de Stonehart se masturbando é exótica.

Não consigo admirar a vista por muito tempo. Assim que o cinto é solto, Stonehart ruge e atira sêmen quente e

grudento sobre o meu rosto. Meus olhos se fecham por instinto.

“Boa garota”, ele arfa. “Boa garota”. Ele pega a minha cabeça e, então, me puxa para ele. “Agora, me lambe.”

Capítulo Seis

Nós caminhamos de volta para a casa mais ou menos uma hora depois. Mas, em vez de me conduzir para dentro, Stonehart pega a minha mão e me leva para a parte de trás, onde está o mar.

Não falamos muito depois do sexo. Não era um silêncio incômodo, apesar de tudo. Isso me surpreendeu. Isso foi mais do que uma aceitação, de ambas as

partes, de que depois de termos ficado desnudos, meras palavras não fariam jus aos sentimentos que vagueiam dentro das nossas cabeças.

O mais estranho de tudo foi o comportamento seguinte de Stonehart. Assim que eu me limpei, ele me pegou pela cintura e me beijou suavemente. Em seguida, ele passou um braço em volta de mim e me deixou repousar a cabeça no ombro dele, enquanto estávamos sentados sob a sombra da mesma árvore

onde ele transou comigo.

Nós chegamos ao outro lado da mansão. Eu olho atrás de mim e vejo a varanda inteira. É uma estrutura separada do resto da casa, conectada pelo corredor longo e estreito. Parece que foi construída mais tarde.

Eu tenho arrepios ao ver o ambiente que eu conheço tão bem por dentro. Stonehart se dá conta, ou pelo menos parece, porque ele me deixa ir e continua sem mim, concedendo-me um

espaço tão necessário.

Estou agradecida pela privacidade. É tão surreal do lado de fora da minha prisão. Quando estava presa lá, nunca pensei que eu iria, um dia, estar olhando para esse lugar do lado de fora.

O cheiro do mar me convida. Eu ouço as ondas se quebrando contra a costa. Nunca fui capaz de olhar para baixo do topo das falésias e julgar quão alto nós estamos. Fazer isso é a primeira tarefa para mim.

Eu me junto a Stonehart no alto. Ele segura o meu cotovelo enquanto caminho junto de si. “Com cuidado”, ele avisa, apontando para a borda a poucos metros de distância.

Eu engulo a saliva e consinto com a cabeça. “Eu tomarei cuidado”, eu digo. Ele me deixa ir.

Eu ando mais próximo da borda e me atrevo a olhar para baixo.

Uau.

Eu nunca tive medo de altura, mas

mesmo assim sinto um pouco de vertigem olhando para baixo. Nós devemos estar a duzentos ou trezentos metros acima da água. As ondas batem contra a parede de pedra abaixo de nós. Não há praia a mencionar—apenas uma queda em linha reta no mar violento abaixo de nós.

Eu olho para a esquerda e para a direita. Longe, bem longe, eu vejo muitas outras propriedades. As casas estão escondidas da vista.

“Esta propriedade deve ter lhe custado uma fortuna”, eu demonstro admiração. “Nós ainda estamos na Califórnia, não estamos? Perto de San José?”

Os olhos de Stonehart se apertam ligeiramente. “Perguntas?”, ele me lembra. Eu suspiro e levo as mãos à boca. É uma reação automática.

“Oh, meu Deus!”, eu me desculpo. “Eu sinto muito. Eu não me dei conta—”

“Mas foi algo inocente”, Stonehart

me corrige, me lançando um sorriso.

“Vamos deixar isso para trás. Sim, nós estamos na Califórnia. E, sim, nós estamos em San José. E sim”, ele ri, “isso me custou muito dinheiro. Mas a parte boa é: eu posso pagar. E—”, ele estende a mão e me puxa para ele, “—esta propriedade me dá a privacidade de que preciso para fazer *isso*.”

Sua boca se choca contra a minha em um beijo quente.

Eu correspondo instantaneamente.

Minhas mãos voam para o cabelo dele, puxando-o mais para dentro. Eu chego mais perto, de forma que nossos corpos se apertam. Eu o beijo com a mesma paixão que ele direciona a mim.

Não porque eu sei que ele quer que eu faça assim, mas porque eu quero fazer.

Todos os meus instintos de autopreservação estão fora de controle. Eu não tenho absolutamente ideia de onde estou com esse homem.

Ele se desprende de mim. Eu busco o ar.

“Isso”, ele diz, escorregando o polegar sobre o meu lábio inferior, “foi um muito obrigado por ter se comportado tão bem mais cedo.”

“Se essa é a minha recompensa”, eu comento espirituosamente, “eu devo começar a me comportar bem mais vezes”. Eu sei que um comentário como esse seria perigoso em certas situações. Mas eu tenho certeza de que não o é

nesse momento.

Stonehart sorri. Parece que eu estava certa. “Venha por aqui”, ele me diz. “Há uma vista maravilhosa da água que você precisa ver. É ainda melhor do que isso.”

Capítulo Sete

Nós gastamos o resto do dia explorando a propriedade. Stonehart me mostra todos os lugares que ele conhece. Mas, devido ao tamanho da terra, eles são surpreendentemente poucos. Eu suponho que ele nunca teve tempo ou inclinação para explorar a casa antes.

Nós entramos quando o céu começa a escurecer. Eu me sinto exausta de tanto caminhar, mas é um tipo bom de

cansaço. Hoje foi um dia maravilhoso.

O que torna isso muito mais surpreendente é que veio logo depois da última noite. *E* nós nem mesmo conversamos sobre a oferta que Stonehart me fez esta manhã.

Nós entramos na sala de jantar e encontramos a mesa já posta. Eu recebo uma onda de más vibrações, relembrando o que aconteceu aqui menos de vinte e quatro horas atrás.

Elas evaporam quando Stonehart

pega os pratos e leva a comida para uma das salas de estar.

Ele puxa a mesa de café até um sofá e põe sobre ela a nossa comida.

Eu levanto uma sobrancelha para ele. “Uma quebra de decoro, é isso?”

“Hoje, com você, tem valido a pena”, ele diz, e me dá um sorriso genuíno que faz o meu coração disparar novamente.

Eu me sento do lado dele e olho para a comida. Então, em vez de comer,

me volto para ele. “Jeremy, queria lhe perguntar algo. Sobre o que você disse esta manhã...”

“Lilly”, Stonehart me interrompe, segurando minha mão. “Nós tivemos um bom dia. Não o estrague agora.”

“Não, mas eu preciso saber”, eu insisto. “Por que você disse a Esteban que me quer na direção da sua empresa? Foi só para deixá-lo pê da vida?”

Os olhos de Stonehart ficam turvos e sua boca se comprime. “Nós falamos

sobre isso”, ele diz, curto e grosso. “Eu já falei das minhas intenções para você. Não há nada mais para discutir.”

“Mas—”

“*Nada*, Lilly”, ele enfatiza.

Eu baixo os olhos e com sabedoria abandono o assunto. Não quero atrapalhar a minha sorte.

O jantar passa de forma prazerosa. Quando pergunto a Stonehart onde Rose está, ele me diz que estamos apenas nós dois aqui esta noite.

Quando terminamos de comer, ele se levanta. “Siga-me”, ele diz.

Eu me levanto e o acompanho para fora da sala. No corredor, ele se vira para mim e comenta: “Há duas partes da casa que você ainda não viu”, diz.

“Bem, três, para ser honesto. Mas você vai ver apenas duas delas agora.”

Eu sigo Stonehart pelas escadas. “A primeira é o meu escritório”, ele explica. Nem a voz dele nem sua expressão dão sinal algum de que ele se

refere ao tempo em que me pegou na sala de vigilância. “Você não está autorizada a entrar, exceto com a minha permissão verbal expressa”. Ele caminha para o final do corredor, que se bifurca em dois. Em vez de girar no sentido que leva ao ambiente, entretanto, ele corre a mão pela parte inferior de uma mesa pequena e redonda.

Eu ouço o chiado de algum tipo de mecanismo. A próxima coisa que descubro é que a parede na minha frente

está se abrindo.

“O chip NFC”, ele diz, tocando o próprio pulso. Ele me dá um sorriso que é difícil de compreender. “Como você pode ver, você nunca esteve em perigo real ao entrar no meu escritório.”

Ele caminha pela nova entrada. Quando eu não o sigo de imediato, ele olha para trás. “Lilly?”

Eu engulo a saliva e toco a parte da frente da minha coleira. “Isso é... seguro?”

“Seguramente que sim”, Stonehart diz.

“Eu não quero levar um choque.”

“Não.”

“Ok”, eu digo. “Confio em você.”

“É uma revelação prazerosa”, ele murmura, quando eu passo atrás dele. Ele desliza a mão pelas minhas costas.

Eu escondo o sorriso.

Ele me conduz para o final do corredor secreto, onde a nossa passagem

é barrada por um conjunto de portas de carvalho. Elas poderiam ser irmãs gêmeas daquelas da sala de reuniões.

“Esse é o caminho”, ele diz, “que leva ao meu escritório. Mas eu não quero importuná-la com isso hoje. É por isso—”, ele dá um toque em um lado da cabeça, “que eu trouxe você aqui.”

Eu percebo uma entrada menor, de que eu não tinha me dado conta. “O que é isso?”

“Você verá”, ele ri. “Abra a porta.”

Eu agarro a fechadura e a empurro para baixo.

A porta se abre. Sou apresentada com a vista mais magnífica que vi em semanas:

Livros! Estantes e mais estantes de livros. Uma biblioteca particular de um tamanho impressionante.

Eu caminho por ela, boquiaberta. As estantes vão do piso ao teto à minha volta. Não há um único espaço vazio. Grossas colunas de livros, bastante

coloridas, permanecem próximas a outras altas e estreitas. O fantástico número de livros me impressiona. Eu aposto que poderia passar todos os cinco anos do meu curso aqui e não ficar entediada.

Não que eu o pretenda, eu lembro a mim mesma com acidez. Eu quero escapar. Eu preciso escapar. Eu tenho que devolver a Stonehart tudo o que ele me fez.

Mas, depois de um dia como o de

hoje..., eu quero mesmo isso?

Sim! Uma voz grita na minha cabeça.

Essa linha de pensamento se perde quando a voz profunda de Stonehart me chama de volta à conversa.

“... saindo para uma viagem de negócios por quinze dias.”

“O quê?”, eu me volto para ele, com os olhos arregalados. “Você está saindo? Quando?”

“Em breve”, ele diz. “Nos próximos dias”, ele parece meio brincalhão. “A biblioteca a impressionou. Eu confio que você terá material suficiente para se entreter aqui, enquanto eu estiver fora.”

“Ah, sim”, eu digo. “Isso é maravilhoso. Obrigada.”

“O prazer é todo meu”, ele ri. Em seguida, ele pega a minha mão para beijá-la e a coloca entre as suas. “Temo que seja aqui onde a nossa viagem termina”, ele me comunica. “O trabalho

me chama. Estarei no escritório ao lado e não quero ser incomodado. Você pode ficar aqui o tempo que quiser. Quando for para a cama, você está autorizada a levar consigo três livros de cada vez”. Ele me mostra três dedos da mão. “Três, Lilly. Não mais do que isso. Você entende?”

Eu confirmo com a cabeça. “Sim.”

“Claro que sim. Enquanto você estiver aqui, pode tirar das estantes quantos livros desejar. Eu espero vê-los

de volta no lugar certo quando você
tiver terminado de ler. Não se esqueça
do que eu falei a você sobre precisão.”

“Não esquecerei”, eu prometo.

“Bom”, ele diz, e se retira.

Ele já passou da porta quando
encontro coragem para chamá-lo:

“Espera, Jeremy!”

Ele se vira para trás e levanta a
sobrancelha.

Eu dou a ele um sorriso radiante,

assim como o sinto desabrochar em mim. “Muito obrigada. Do fundo do meu coração, muito obrigada.”

O canto dos olhos dele se contrai. Ele faz um pequeno sinal com a cabeça, de agradecimento, e fecha a porta atrás de si.

Capítulo Oito

Eu passo os dois dias seguintes trancada na biblioteca, saindo apenas na hora das refeições para um lanche rápido e retorno ao meu santuário.

Depois de ficar tanto tempo sem nenhum tipo de estímulo mental, eu exagero. Pego meia dúzia de livros no primeiro dia e começo a lê-los. Não importa o conteúdo: ficção ou não ficção, histórias ou memórias, textos

clássicos ou ‘literatura’ *best-seller*.

Tudo é convidativo para mim.

Eu devoro as palavras mais rápido do que consigo respirar. Primeiramente, nem mesmo me preocupo com o que estou lendo. A sensação de me perder em um livro é maravilhosa—especialmente depois de ter ficado privada dessa oportunidade por tanto tempo.

Não vejo Stonehart por todo esse tempo. Uma das vezes, quando eu estava

saindo para um café tardio, notei a porta do seu escritório meio aberta. Eu pude ouvi-lo dando ordens ao telefone. Sua entonação de voz me disse que ele não estava muito feliz. Eu decidi que seria, provavelmente, o pior momento para ser pega bisbilhotando a conversa alheia.

Quando voltei apressada para a biblioteca, ainda mastigando uma tostada, a porta do escritório estava fechada e não pude ouvir nada lá dentro.

Obviamente, Stonehart ainda não

saiu para as duas semanas de viagem. Eu não sei quando ele vai e gostaria de ter prestado mais atenção quando ele me falou sobre isso. Eu não quero perguntar a ele agora, para não parecer ansiosa para que ele vá embora.

Uma compreensão equivocada como essa poderia ser desastrosa.

Ao final das minhas 48 horas de abuso da leitura volto para a varanda com um volume surrado debaixo do braço e encontro um bilhete esperando

por mim sobre a cama:

Estou contente que você tenha achado a minha biblioteca tão fascinante. Se eu soubesse, eu teria lhe concedido o acesso a ela antes.

Eu vou sair da propriedade pelos próximos dois dias. Você tem acesso completo a tudo, menos ao escritório. Eu espero que você esteja pronta para mim, como sempre, quando eu voltar.

Eu saio por duas semanas, a partir de amanhã, então faça o possível para

*tornar o nosso próximo encontro
memorável.*

- J.S.

Eu não consigo conter o riso enquanto leio essas palavras. Mais dois dias sem Stonehart, seguidos de uma noite juntos, e outras duas semanas longe? Eu vou lidar com isso.

Sem nada mais, eu preciso da separação para me ajudar a reconstruir a minha determinação.

Eu tenho dificuldade para adormecer à noite. Minha mente está ocupada, criando todos os tipos de cenários do futuro.

Não tenho nenhuma ideia de como Stonehart pretende fazer o nosso próximo encontro “memorável”. Eu decido não pensar nisso, considerando-se que não posso mudar nada.

Estou mais curiosa sobre a oferta da Dextran. Não consigo acreditar que Stonehart estenderia isso a mim.

Conceder-me esse tipo de reinado livre não seria uma das maiores responsabilidades que ele poderia empreender?

Quero dizer que ele não está falando apenas sobre me dar acesso completo ao mundo lá fora, mas me impulsionando para uma das posições mais importantes!

Por quê?

Em meu coração, eu sei que a oferta não pode ser nada mais do que uma

brincadeira vã. Quer dizer, eu ainda sequer tenho acesso a jornais. Isso ainda vem com mais cinco PCBs. Mas, já de cara, ele está falando em me pôr no comando de uma sólida empresa de tecnologia!

Isso não faz sentido. Não, é pior do que isso. Isso não faz nenhum sentido. É uma insanidade. Aqui estou eu, prisioneira e cativa de Stonehart, trazida aqui por razões desconhecidas, e ele quer que eu seja uma de seus CEOs?

É uma insanidade. Quer dizer, não é que eu seja estúpida o suficiente para não ver a oferta dele pelo que ela realmente é: ele faz um apelo tentador, como quando se balança uma cenoura suculenta na frente de um coelho. Estou certa de que nunca pensei em alcançá-la de verdade.

E há o baile de gala no fim do mês. Isso é algo muito mais imediato. Isso parece mais provável de acontecer, também. Eu não o ouvi mais falar sobre

isso, mas suponho que ainda esteja de pé. Melhor estar segura e pensar assim do que desconsiderar a proposta tão cedo.

Eu giro para uma posição mais confortável. Pelos meus cálculos, o baile de gala acontecerá bem próximo de quando Stonehart voltar de sua viagem de duas semanas. O que significa que eu tenho apenas um dia com ele—uma noite—antes do evento.

Não tem jeito de eu ganhar PCBs

suficientes para ir.

Então, novamente, se ele quer que eu vá, ninguém disse que eu *tenho* que ter a quantidade suficiente de PCBs. Ele é o único a ditar as regras, afinal. Ele pode, facilmente, quebrá-las.

Isso me assusta. Estou escravizada pelas regras dele. Ele não tem nada o guiando, a não ser sua palavra... e, talvez, sua honra.

Alguma dessas duas coisas vale algo para mim?

O baile de gala será um teste. Estou certa disso. Stonehart vai querer ver como eu me comporto em público com ele.

Ele não é um idiota. Ele sabe que eu quero me vingar. Ele estará me observando bem de perto por qualquer coisa que possa trair as minhas intenções.

Provavelmente, será melhor esquecer a ideia de alertar qualquer pessoa no baile de gala quanto à minha

situação. Se for tudo bem, eu terei mais oportunidades de ir a lugares com ele no futuro. Eu só posso entrar em ação quando estivermos os dois confortáveis comigo fora de casa e ele satisfeito com isso.

E há outra coisa chata, enfadonha e persistente: eu estou mesmo certa de que ainda quero me vingar?

Meu pêlo se eriça. Claro que eu quero. É claro que quero vingança. Eu quero revanche, vingança, justiça e

liberdade...

Exceto... se eu tivesse que passar os últimos três dias em isolamento... seria a minha vida tão ruim?

Eu vivo em uma casa enorme, construída em uma propriedade gigantesca. Tenho uma vista magnífica do mar de uma sala que é maior do que uma quadra de basquete. Eu posso ir e vir como quiser. Eu tenho acesso a uma enorme biblioteca. À piscina. Aos equipamentos de ginástica. Eu tenho um

armário repleto de roupas, cujo valor é mais alto do que eu possa ter a esperança de ganhar mesmo em uma década de trabalho.

Alguém cozinha para mim. Alguém limpa para mim. Eu tenho livros. E tenho uma cama enorme e confortável. Eu tenho Jeremy Stone—

Eu tenho a coleira.

Eu tenho a coleira. Ela foi posta no meu pescoço pelo homem.

Eu não tenho liberdade. Eu tenho

uma vida estruturada pelas suas regras malucas.

Só porque ele não *tem estado* louco por três dias não significa que minha situação esteja um pouco melhor.

Além do mais, se passaram apenas quatro dias desde que ele me fez comer a pomba. Quatro noites atrás, ele me amarrou e transou comigo de maneira animalesca. Um mês atrás, ele me deixou faminta no escuro.

Eu me deito na cama com as costas

rígidas. Meu coração está disparado. Todo o pensamento sobre sono foi esquecido. É a respeito de *Stonehart* que estou falando. O mesmo homem que me drogou e me arrancou da vida. O mesmo homem que eu me prometi que levaria ao chão no dia em que assinei o contrato.

Eu me levanto, enrolando o roupão no meu corpo e caminhando em direção à imensa parede de vidro. Eu toco um dos painéis do vidro e olho para o céu

noturno. O vidro está frio sob as minhas
pegadas.

Frio. Assim como Stonehart pode
ser.

Não. Assim como Stonehart *é*.

Ele é um bastardo de coração frio.
Nada diz que ele mudou. Por que ele
mudaria? Isso o levou muito longe na
vida!

Não posso deixar que alguns poucos
e toleráveis dias interfiram na minha
determinação.

Eu preciso voltar para ele. Eu sei disso. Eu sei disso tão bem como conheço a palma da minha mão.

Mas, eu sinto mesmo uma necessidade premente de revanche enquanto permaneço aqui, completamente livre para ir onde quer que eu queira nessa propriedade? Eu sinto essa necessidade, esse desejo, no fundo do meu coração?

Eu me esforço para sentir isso... e me sinto vazia. O sentimento não está

mais lá. Desapareceu.

Eu tremo uma vez e envolvo os braços em volta de mim. Eu sou realmente tão fraca? Eu já entreguei os pontos?

Eu toco o sempre presente anel de plástico em volta do meu pescoço. E espero que sentimentos de nojo e repulsa venham à superfície.

Mas eles não vêm.

Stonehart já me condicionou a não senti-los.

“Maldito seja!”, eu grito e bato o meu punho contra o vidro. O painel de vidro estremece sob o golpe.

Eu deveria querer ser livre, não deveria? Eu deveria querer ir embora!

E, nesse momento, esses sentimentos são distantes como a terra do outro lado do oceano.

Eu passei a me sentir bem com essa situação. Confortável. Talvez um pouco complacente.

Isso poderia ser o meu lado

otimista. Eu sempre tentei lidar bem com as condições da minha vida. Foi assim que entrei no ensino médio com notas boas o suficiente para ir para a faculdade, em vez de viver com uma mãe alcoólatra.

Agora, essa minha característica, sem sombra de dúvida, está atuando contra mim.

Eu caminho para a porta e inclino a minha testa contra o vidro. Olho para o chão e para o lugar onde encontrei a

pomba não faz muito tempo. Se isso serve para algo, é para eu me lembrar de por que devo lutar.

Eu não consigo esquecer o PCB que ganhei naquela noite durante o jantar.

Suspiro e volto para a cama. Antes do meu primeiro passo, meu coração muda o rumo. Eu giro de volta, fazendo um círculo completo, e abro a porta.

O ar frio da noite me alcança, fazendo minha pele se arrepiar. Eu respiro fundo, adorando o cheiro

salgado do ar.

Eu hesito por um momento e depois saio.

Suponho que essa pausa breve vem da minha experiência prévia com a coleira. Mesmo sabendo que estou autorizada a ir lá fora, esse primeiro passo continua a ser uma luta.

Passando os braços em volta de mim para me proteger do frio, caminho pela noite vazia.

O barulho das ondas quebrando lá

embaixo alcança os meus ouvidos.

Caminho pela grama e chego à borda do precipício. Eu olho para baixo.

É uma queda longa. Se algum dia eu ficar desesperada o suficiente para pular...

Eu interrompo essa linha de pensamento antes que isso possa ir longe demais. Deve ser uma prova da incerteza absoluta que sinto agora. Uma hora, estou contente e em paz e, um segundo depois, estou pensando no

suicídio...?

Não. Claro que não. Eu não iria tão longe. Foi apenas um pensamento atravessado. Um pensamento atravessado, perigoso e estúpido.

Vou em busca do banco que Stonehart me mostrou no meu primeiro dia aqui fora. Está localizado em uma pequena colina que permite uma vista ainda melhor.

Eu me sento e olho para o mar.
Depois de alguns longos minutos, viro

para trás e olho para a casa.

Há uma lâmpada ainda acesa. Eu franzo a testa. Pelos meus cálculos, ela vem do escritório de Stonehart. Mas ele não disse que estaria fora por dois dias?

Eu suponho que o primeiro dia, tecnicamente, ainda não começou. Ele deve sair pela manhã.

Eu bocejo e me questiono sobre voltar para a cama. Mas, por alguma razão que desconheço, a curiosidade leva a melhor sobre mim. Eu não vi o

interior do escritório de Stonehart. Eu poderia—se eu caminhasse até lá e olhasse com dificuldade pela janela.

Ele me disse apenas que não estou autorizada a *entrar*. Ele não mencionou nada quanto a apenas olhar.

Além disso, nesse momento, sinto que preciso falar com alguém. Pelo bem ou pelo mal, Stonehart é a única opção.

Minha mente se reconcilia, eu me levanto e vou em direção à fonte de luz.

À medida que me aproximo uma voz

lá no fundo da minha mente começa a me dizer que isso é uma péssima ideia. Ela me alerta de que, se Stonehart vê que estou observando em volta, ele não ficará contente com isso.

Eu prefiro ignorar a voz. Não estou desrespeitando as minhas fronteiras— não inteiramente. Eu ainda estou cumprindo as suas regras. Além disso, ele não deveria estar *contente* em saber que eu quero vê-lo sem ser forçada?

Eu vou até a janela. As persianas

estão fechadas. Entretanto, elas não tocam o parapeito da janela. Sentindo um pequeno ímpeto de rebeldia, eu me agacho e ponho os meus olhos contra o vidro para olhar para dentro.

A visão que tenho me faz desejar que eu nunca tivesse deixado a minha cama.

Stonehart está lá. Ah, sim, ele está, inegavelmente, lá. Eu posso dizer que é ele pelos músculos largos e nus de suas costas, pelo contorno emoldurado de sua

face, e pelos grunhidos que ouço através da janela enquanto ele move os seus quadris para frente e para trás dentro de um magro e pequeno corpo loiro, que está de pernas abertas sobre a sua mesa.

Os gritos dela chegam aos meus ouvidos. “Oh, sim!”, ela grita. “Sim, sim, sim!”

A bÍlis sobe à minha garganta. Eu conheço aquela voz. Ela pertence à recepcionista que encontrei do lado de fora da entrada privada da sala de

reuniões de Stonehart. Aquela que parecia que era jovem demais.

“Mais forte, Senhor Stonehart!”, ela implora. “Sim, foda-me mais forte! Sim, sim, aah!”

Eu me mexo para o lado e quase perco o equilíbrio, visto que o movimento repentino me deixa zozza. Eu me sinto confusa, me desequilibro e me choco com um *estrondo* contra a janela.

Imediatamente, o som é ouvido dentro.

Merda! Eu praguejo só no pensamento. *Merda, merda, merda!*

“Senhor Stonehart?”, a garota treme a voz. “O que foi isso?”

“Fique aqui”, ele ordena. Eu me abaixo e me aperto contra a parede, quando ouço o barulho repentino das persianas sendo levantadas.

Luzes se esparramam. Meu coração está batendo tão alto como o galope de um cavalo.

O corpo de Stonehart aparece

refletido no chão. Eu vejo a sombra escura de sua ereção, aumentada pelo reflexo da luz...

“Quem está aí?”, ele diz. “Lilly, é você?”

Eu aperto os olhos e rezo para que ele não me veja.

Por favor, Deus, por favor, não deixe que ele me veja.

Um minuto depois, ele resmunga e dá as costas. Eu vejo a sombra recuar,

quando ele caminha de volta.

“Você viu alguma coisa?”, a garota pergunta.

“Provavelmente, um animal”, Stonehart responde.

“Ah”, a garota diz, e dá um risinho bobo. “Menos mal.” E logo sua voz se torna defensiva. “Quem é *Lilly*?”

Dou-me conta de que ela só me conhece como “Senhorita Ryder.”

“Não importa”, Stonehart se irrita.

“Espere aqui. Eu tenho que checar algo.”

Os protestos da garota são perdidos quando eu me solto da janela e começo a correr esbaforida para a varanda. Se Stonehart vai verificar se estou lá e me encontra fora da cama... bem, ninguém precisaria ser um gênio para deduzir que dois e dois são quatro.

Eu corro direto pelos arbustos e pela grama molhada, sem me preocupar se estou no caminho certo. Eu grito

quando bato o joelho em alguma coisa no escuro, quase caindo de cara no chão durante o processo. Mas retomo o equilíbrio antes de ir ao solo e continuo correndo.

Eu passei pela porta de vidro, o peito arfando. Eu nem a espero fechar corretamente para mergulhar na minha cama e enfiar a cabeça sob as cobertas.

O quarto está em silêncio. Minha respiração é pesada e rápida. A adrenalina faz o meu corpo se encolher

apertado como a corda de um violão.

Uma encostadinha e me parto em duas.

Eu estico os ouvidos para checar a chegada de Stonehart, enquanto tento acalmar a batida do coração. Eu não posso fingir que estou dormindo, se estou ofegante como uma maníaca.

Minha respiração desacelera. Não ouvi ninguém entrar no quarto. Eu relaxo, achando que o perigo passou...

Então, eu ouço a voz dele.

“Lilly”. É um sussurro abafado.

“Lilly, você está dormindo?”

Eu finjo não ouvi-lo e regulo a minha respiração entre lenta e profunda, como num sono.

Ele caminha até mim. Eu posso ouvir seus passos contra o piso. Minhas entranhas se revolvem de apreensão com a sua aproximação.

“Lilly, Lilly, Lilly”, ele ri. “O que você *está* fazendo aqui?”

Eu abro os olhos, sonolenta, fingindo simplesmente que estou

acordando. “Jeremy?”, eu digo, usando a minha melhor voz confusa. “Por que você está aqui?”

Ele impressiona por estar vestindo apenas calças de dormir Armani. A luz pálida da lua ilumina as marcantes linhas do seu peito.

Não olho para ele. Se eu olhar, tenho pavor de que ele veja a culpa em mim estampada. Pior anda, não sou capaz de esconder a minha reação ao que vi no seu escritório, se olho para ele

agora. Todas as minhas emoções viriam à tona.

“Estou aqui para checar a minha garota favorita, claro”, ele diz, abaixando-se sobre a cabeceira da cama. Ele se acerca e começa a acariciar o meu cabelo. “Eu parto amanhã bem cedo e gostaria de vê-la antes de ir.”

Quero me encolher ao seu toque, sabendo onde as mãos dele tinham estado, mas isso iria me denunciar.

Assim, ao invés disso, eu fico quieta, sem me mover nem responder. “Eu sei. Eu li o bilhete.”

“Você viu?”, ele brinca. “E houve alguma outra coisa que você *viu* recentemente que fosse do seu interesse?”

O meu corpo inteiro fica tenso.

Ele sabe.

“Não”, eu respondo gentilmente.

“Tem certeza?”, ele pergunta.

“Nada mesmo? Nada que você gostaria de *admitir*? Sua mão aperta o meu cabelo. Eu choramingo com a dor que corre pelo meu crânio. Ele puxa a minha cabeça, fazendo o meu pescoço ficar esticado e sussurra ao meu ouvido: “O que mais me irrita, muito mais do que pessoas mentirosas, Lilly”, ele me diz, “são pessoas covardes.”

Eu aperto bem os olhos e desejo que a dor vá embora.

“Agora”, ele continua. “Você tem

certeza de que não há nada que gostaria de me dizer?”. A voz dele se torna um sussurro ameaçador. “Pense bem antes de responder. Isso pode significar a diferença entre uma vida feliz para você ou uma que pode se tornar... *difícil*.”

Eu fui longe demais para me arrepender agora. Eu sei que tudo o que Stonehart pode fazer para descobrir se eu estava lá fora é olhas as câmeras.

Idiota! O que eu estava pensando ao tentar fingir que estava dormindo?

A única coisa de que estou certa é que, se eu admitir tudo agora, estarei sujeita a uma punição imediata. Se ele descobrir depois, por ele mesmo... bem, ele já terá esfriado um pouco. E, de qualquer jeito, ganharei dois dias extras para me preparar para o que quer que seja que ele decidir fazer comigo quando voltar.

“Não”, eu sussurro, finalmente.

Stonehart solta o meu cabelo. Sua voz se torna calorosa. “Então acho que

eu estava enganado”. Ele se inclina e beija a minha bochecha. “Durma bem, Lilly.”

Ele se levanta. Eu suspiro de alívio. Quando ouço seus passos ecoarem ao longe, alguns dos meus tensos músculos relaxam um pouquinho.

Eu consegui evitar a punição. *Por hoje.*

Logo, os passos dele param. Meu coração vem até à boca. Eu abro um dos olhos e o vejo.

Lentamente, ele volta.

“Me diz”, seus olhos escuros
brilhando, “por que vejo pegadas
molhadas que vão da porta até sua
cama?”

Capítulo Nove

Stonehart puxa a correia para frente.

Ela arranca sobre o meu pescoço e me manda esborrachada para o chão.

“De pé”, ele ordena. “Levante-se, Lilly!”

Tremendo, eu me levanto. Estou com os olhos vendados e, sendo assim, não tenho ideia de onde estou. Eu perdi o senso de orientação.

Eu estive rastejando atrás de

Stonehart por horas, ao que parece. Uma dor pulsante corre pelos meus pulsos devido ao esforço das palmas das mãos no chão. Meus joelhos já estão roxos. E não posso ver nada.

Depois de se dar conta das pegadas molhadas, Stonehart não perdeu tempo em me puxar da minha cama e me bater no rosto antes de me jogar no chão.

“Fique aí”, ele manda, “a não ser que você tenha desenvolvido um novo gosto por sentir dor.”

Ele se virou para trás e se foi, simples assim. Fiquei limitada a emitir pequenos gemidos sobre os azulejos frios e familiares.

Quando ele voltou, tinha uma correia de couro preta numa mão e uma mordaca e uma venda na outra. Eu não tentei lutar quando ele prendeu a correia na minha coleira. Eu sabia como isso pouco me ajudaria.

“Você mente como uma cadela”, ele disse, “dessa forma, você será tratada

como tal. De agora em diante, a menos que eu lhe permita, você andará apenas sobre as mãos e joelhos”. Ele deu um puxão na correia. “E apenas até onde essa correia a levará.”

Em seguida, ele jogou a mordaca e a venda para mim. “Ponha isso”, ele disse.

Eu não tive escolha, a não ser obedecer. Como eu apertei a seda preta em volta dos olhos, tudo em que podia pensar era no meu imenso ódio por ele.

Um ódio reavivado pelos
acontecimentos de hoje à noite.

Eu já tinha vacilado na minha
resolução antes? Bem, não mais.

“Bom”, Stonehart disse assim que
terminei. “Estou contente que você ainda
segue a instrução, pelo menos de vez em
quando. Agora”, ele continua, “tire as
suas roupas.”

Eu não me mexi. Ele pode me
humilhar o máximo que quiser, mas me
recuso a ajudá-lo a fazer isso. Mesmo

que essa atitude me traga dor no futuro, minha mente está decidida.

Stonehart puxou a correia para ele. “Não me faça ter que repetir”, ele avisou, com a voz baixa e raivosa. “Há coisas piores que posso fazer a você, além disso, Lilly. Portanto, não me dê nenhuma motivação extra.”

Essa ameaça foi o suficiente para me fazer reconsiderar minha decisão.

Quando me despi, Stonehart soltou uma gargalhada cruel. “Divertido como

rapidamente a sorte muda, não é, Lilly?”

Ele me puxou para frente.

Eu odeio você, eu pensei o tempo todo em que fui forçada a rastejar atrás dele. *Eu odeio você. Eu odeio você. EU ODEIO VOCÊ!*

Por acaso, terminamos... em algum lugar. Stonehart puxou para o lado alguma coisa parecida com uma cortina e me chutou para dentro. Mordi contra a dor que me invadiu.

“Não dê um pio, Lilly-flor”, ele

avisou. “Nem um pequeno barulho. Do contrário, eu ficarei nervoso.”

Eu trouxe os joelhos até o meu peito e envolvi os braços em volta de mim para me proteger do frio.

E é onde estou agora. Com o corpo em forma de concha, nua, sozinha, sem amigos, em algum canto esquecido da mansão de Stonehart.

*Eu o odeio. Eu odeio a coleira.
Odeio o contrato. Odeio como ele me
trata. Eu nunca fui nada mais para ele*

do que um brinquedinho. Isso é o que eu sempre serei para ele. Eu sei.

Eu me odeio por desejar, às vezes, e secretamente, ser mais do que isso.

Meus dedos coçam para tirar a venda dos olhos. Eu cravo as unhas na carne da minha mão. Stonehart não me deu permissão. Ele não se esqueceu disso, mas eu penso que é mais seguro achar que estava implícito.

Logo depois, ouço uma porta se abrir. Em seguida surge uma voz alta,

entusiasmada e feminina.

“Oh, Senhor Stonehart, eu nunca estive *aqui*.”

Eu a ouço gritar e parar com um baque sobre algo macio. Provavelmente, um colchão. Em seguida, vem o som das preliminares quentes.

Nojo se forma na minha garganta enquanto engulo os soluços que tentam escapar. É isso que ele quer, não é? Ele quer que eu o ouça foder outra mulher. Ele quer que isso me afete. Ele quer me

mostrar quão pouco valor eu tenho.

E, realmente, qual a melhor maneira que há de demonstrar o tipo de criatura fraca, patética, inútil e desafortunada que me tornei? À medida que a garota geme mais e mais alto, se movendo junto com as calças pesadas de Stonehart, eu finalmente vejo o verdadeiro desespero da minha situação.

Não importa o que eu faça. No fim das contas, Stonehart sempre terá o controle. Não importa o que nós

dividimos—ou, mais acuradamente, o que eu *pensei* que nós dividimos. Essas coisas não mudarão Stonehart. Elas não mudarão sua forma de se relacionar comigo. Poucos dias depois de ele me chamar de namorada na frente de Esteban, e me oferecer a posição de chefe da Dextran, ele fode a sua secretária, provavelmente menor de idade, no escritório em que fui proibida de entrar!

Os gemidos dela se tornam mais

altos. Eu quero vomitar. Eu não posso estar nesse pequeno buraco, feito uma espectadora despreparada para assistir a um ato cruel. Isso foi feito para provocar ciúme em mim?

Não—não! Eu não acho que Stonehart seja é assim sentimental. Tudo isso é para me mostrar quão pouco poder eu tenho.

“Oh, Senhor Stonehart! Sim, sim, sim, sim!”, a garota grita. Eu faço uma careta. Nunca gritei assim, gritei?

Parece tão... falso.

Logo depois, ouço os sons reveladores que sempre vêm da garganta de Stonehart quando ele goza. E pensar que, apenas poucos dias atrás, eu me orgulhei de ter sido capaz de provocar essa mesma resposta nele.

A respiração ofegante deles desaparece. A pobre garota não tem ideia de que ela tem testemunha essa noite. Eu sinto pena dela como sinto por mim mesma. Ela é jovem, ingênua e,

provavelmente, pensa que fazendo sexo com Stonehart vai construir algo mais significativo com ele.

Eu debocho. Eu sei a verdade disso.

A luz que vem do fundo da parte de baixo da minha venda enfraquece.

Agora, fui completamente deixada no escuro. Eu ouço Stonehart e a garota murmurarem doces palavras um para o outro.

Nós nunca fizemos isso.

Logo, eles estão dormindo. Ou,

talvez, prontos para a próxima rodada.

Quem sabe?

Tudo o que sei é que não irei a lugar nenhum por um longo período. Eu me enrolo para o lado, tentando encontrar uma posição que exponha a menor parte possível do meu corpo nu no chão frio. Eu tento não pensar no que estar aqui significa para mim.

Capítulo Dez

Uma luz brilhante e um suspiro alto me acordam na manhã seguinte.

Eu abro os olhos, apavorada por não conseguir enxergar nada. Então, me lembro da venda nos olhos, agora cinza com a luz. Apresso-me para desamarrá-la.

Quando ela cai do meu rosto, vejo Rose em pé, olhando para mim, com as feições congeladas em uma grave

expressão de horror.

“Oi, Rose”, eu murmuro, tirando a mordaca da minha boca. Eu posso imaginar sua surpresa, pois eu teria a mesma reação, caso a encontrasse nua sobre o chão, tendo apenas sobre o corpo uma coleira preta macia, com uma correia a ela atada.

Eu não a quero sentindo pena de mim como ela sempre faz. Além do mais —honestamente— as coisas parecem muito piores do que realmente são. Fora

a dor nos meus joelhos de me arrastar atrás de Stonehart na última noite, a impressão de ter areia nos olhos por ter dormido mal, o roxo crescente aqui do lado, por ele ter me chutado para esse lugar fechado, e a sensação de ser consumida pelo frio que entra por todos os ossos, estou bem.

Realmente.

Rose se afasta rápido quando pisco diante da luz brilhante. Pelo menos a sensibilidade à luz está melhorando. Eu

não quero mais dores penetrantes.

Ela volta com um cobertor bem aberto nos braços e me cobre. Ela se ajoelha, acariciando o meu cabelo e estremece quando toca o meu rosto.

Ah, sim. Eu me esqueci disso. Stonehart me esbofeteou, também.

“O que aconteceu com você?”, ela pergunta com uma voz trêmula.

“Jeremy fez isso”, eu respondo. Eu respiro fundo, tento me levantar e descubro que minhas pernas são

incapazes de me sustentar de pé. “Isso foi fruto da minha própria estupidez, claro.”

“Ah, pobrezinha!”, Rose murmura. Ela envolve os braços sobre mim e me abraça apertado. “O Senhor Stonehart deixou um bilhete para eu vir acordá-la esta manhã. Eu nunca imaginei que fosse encontrá-la desse *jeito*.”

“Depois daquele dia em que você me viu pela primeira vez, isso aqui é mesmo pior?”, eu pergunto, tentando dar

uma pita de humor à conversa.

Rose olha para mim por um bom tempo. Ela parece se esforçar para não se deixar cair em lágrimas.

“O Senhor Stonehart me disse que você se pôs nessa situação como forma de protesto”, ela diz. “Ele estava muito preocupado com você o tempo todo.”

“Bem, o que não deixa de ser totalmente falso”, eu resmungo. “Você pode me ajudar a me levantar?”

“Claro”. Rose põe os meus braços

sob as axilas dela e, contando até três, nos levantamos juntas.

“Sua pele está fria como gelo, Senhorita Ryder”, Rose me diz. “Você gostaria de tomar um banho quente?”

“Seria ótimo”, eu sussurro, e ela me leva dali.

Mais ou menos uma hora depois, ainda estou mergulhada na água que há um tempão se tornou morna. Rose está pela casa, falando sozinha e lidando

com todas as coisas que tem que fazer para atender a todas as exigências de Stonehart.

Eu acho que essa é a forma que ela encontrou de lidar com o que vê acontecer comigo.

“Ah!”, ela aparece de repente. “Eu quase me esqueço. O Senhor Stonehart deixou um pequeno presente para você com o bilhete que encontrei. Ele me pediu para dá-lo a você imediatamente.”

Ela faz o gesto de entregá-lo a mim.

Eu seguro seu pulso.

Eu não quero pensar sobre Stonehart e os seus presentes de sentido dúbio.

Não agora.

“Você pode deixá-lo sobre a minha cama, quando puder?”, eu pergunto.

Rose consente solenemente. “Eu deixarei.”

“Obrigada”. Eu suspiro e me deito na banheira. “Obrigada, Rose. Eu não sei como eu sobreviveria sem você.”

“Senhoria Ryder?”, ela parece hesitar. “Eu posso lhe perguntar... uma coisa?”

“Claro”, eu digo, surpresa com sua atitude hesitante.

“Como você... bem, eu quero dizer... uh... Como você e o Senhor Stonehart, hum, se *encontraram*, exatamente?”. Ela respira fundo e se apressa: “Se não for grosseria minha lhe perguntar isso.”

Eu balanço a cabeça. “Não, Rose,

claro que posso lhe contar”. Olho para o teto onde sei que as câmeras de Stonehart estão gravando cada palavra da conversa. “Mas, hum, você acha que essa é uma boa ideia?”

“Você está certa”, ela inclina a cabeça. “Foi um pedido imprudente. Eu peço desculpas.”

“Não”, eu digo enquanto expiro. “Não é culpa sua. E, além do mais, eu posso contar com você para cuidar de mim. Isso significa mais do que você

pensa.”

“Estou apenas fazendo o meu trabalho, Senhora Ryder”, ela diz, tocando forte o meu ombro, mas eu posso ver gratidão desabrochar nos seus olhos tristes.

Capítulo Onze

Depois do banho, vou ao toucador e aplico a maquiagem de que preciso para esconder o inchaço no meu rosto.

Estou me tornando expert nisso, eu penso e rio da minha brincadeira autodepreciativa.

Em seguida, caminho de volta para a varanda e olho o embrulho que Rose disse que deixaria na minha cama. É um fino envelope amarelo, parecido com

aquele onde guardo as minhas chaves de Yale.

Eu não quero mesmo olhar dentro, mas também não quero isso martelando na minha cabeça o dia inteiro. Eu o abro e despejo o conteúdo sobre a cama.

Um pingente cai de dentro. Um pequeno *post-it* salta em seguida.

O bilhete diz:

Um novo enfeite para a sua coleira. Assim, você não esquece o seu lugar.

Eu o amasso e o jogo pela sala.

Eu não posso ignorar o meu

pingente, no entanto. Eu o pego e olho para ele.

De um lado está escrito o meu nome: Lilly Ryder. Do outro há duas linhas de texto.

A primeira delas diz: *CEO, Dextran Technologies*. Está cruzada pelo símbolo de uma faca. Abaixo dela se vê seis letras gravadas em aço:

CADELA.

Eu engulo a náusea, tentando me controlar e agradecendo a sorte por ainda não ter tomado o meu café da manhã.

Eu ponho o pingente de volta no pequeno envelope. Stonehart está fora por dois dias. Eu lidarei com isso quando ele voltar.

Eu vou à cozinha e encontro o café da manhã esperando por mim. Há uma surpresa inesperada:

Ao lado do café, enrolado com um elástico, há a forma inconfundível de um jornal.

Por um momento, penso que alguém cometeu um equívoco. Não estou autorizada a me informar sobre os fatos até que eu ganhe mais PCBs.

“Rose?”, eu chamo. “Rose, você deixou esse jornal aqui?”

Eu espero pela resposta dela, que não vem. Ela deve estar muito longe para me ouvir.

Ainda que a fome esteja fazendo um buraco fundo no mundo estômago, não me dirijo até a mesa. Eu não quero cometer um erro acidental.

“Rose?”, eu chamo novamente, caminhando para a cozinha. “Onde você está?”

Eu a encontro passando o aspirador de pó a meio caminho de uma das grandes salas da casa. O chão já está impecável. Isso parece trabalho perdido.

Ela levanta os olhos e desliga o aspirador de pó quando me vê, tirando uma mecha de cabelo branco que cai sobre os seus olhos.

“Rose, você pôs aquele jornal sobre a mesa para mim?”, pergunto.

“Sob as ordens do Senhor Stonehart”, ela diz suavemente. “Ele me pediu para dá-lo a você naquele bilhete que deixou.”

“Oh!”, eu torço o nariz. Isso não faz nenhum sentido. “Eu posso ver o

bilhete?”, pergunto, fazendo o possível para não parecer ofensiva, mas sabendo que é a minha pele que está na reta, caso Rose tenha se confundido.

“Certamente, certamente”, ela me garante, enfiando a mão nos vários bolsos do avental. “Vamos ver isso agora. Onde eu o pus...?”

Ela procura, até que sua mão tira do bolso um pequeno *post-it* azul-claro. “Ah, aqui está ele”, ela diz, entregando-o a mim.

Eu pego o bilhete e dou uma olhada. A letra precisa de Stonehart é inconfundível. Eu o leio rápido e, segura o suficiente, vejo a linha que instrui Rose a me dar o jornal que ele deixou sobre a mesa, no seu escritório.

“Obrigada”, eu digo, devolvendo-lhe o bilhete. “Desculpe-me. Eu não duvido de você. Eu só queria ter certeza.”

Os olhos de Rose se movimentam rápido, provavelmente de forma

inconsciente, para onde as câmeras estão gravando tudo o que dizemos.

“Está certo, querida”, ela me diz, rapidamente. Sem olhar para mim, ela se volta para o aspirador. O barulho dele enche o ambiente.

Eu me viro para sair, mas logo em seguida penso ter ouvido a voz de Rose.

Olho para trás. Os olhos dela estão grudados no chão, onde ela está girando o aspirador, sem sair do lugar.

“Você disse alguma coisa?”, eu

pergunto, levantando a voz para ser melhor ouvida.

Rose não olha para mim, mas vejo sua boca se mexer. Não ouço o que ela diz por causa do aspirador.

Então, me dou conta de algo. Ela está falando baixinho para que a gravação do vídeo não capte a sua voz.

Caminho para perto dela e finjo ter achado a poltrona do lado fascinante. Ela resmunga algo bem baixinho. Eu levo um tempo para processar o que ela

diz.

“... tome muito cuidado com o que vai fazer. Alguma coisa está chateando o Senhor Stonehart e eu temo que ele possa descontar em você.”

Ela não olha para cima, enquanto resmunga o alerta.

Eu passo o dedo sobre a parte de trás da poltrona, pensando sério sobre o que ela me disse. Alguma coisa está incomodando Stonehart? E Rose achou que isso é importante o suficiente para

me dizer?

Eu decido que realmente devo estar alerta quando ele voltar. Inferno, eu deveria esperar que ele voltasse antes do que disse. Eu me lembro da última vez que ele saiu para uma “viagem de negócios”.

Eu olho para Rose, mas ela já mudou de lugar. Eu paro por um momento, considerando o que o verdadeiro relacionamento com Stonehart pode significar—e quão longe

vai a lealdade dela para ele—, antes de me virar e caminhar para fora do ambiente.

Stonehart parece confiar completamente em Rose, penso enquanto caminho pelo longo e vazio corredor. Por quê?

Por que ele está tão certo de que ela não irá denunciar a minha presença na casa à polícia? Mas, se ela não o fez ainda, duvido que eu possa contar com isso no futuro. Ainda que eu a veja como

minha amiga.

Uma pontada de saudade brota dentro de mim. Sinto saudade de Sonja e Fey. Sinto falta de suas vozes, suas risadas. Eu me pergunto como Fey está levando seu noivado com Robin. Provavelmente, ainda estão nas nuvens.

Eu sinto saudade de Yale. Das minhas aulas. Sinto falta do campus, dos professores, do pequeno dormitório chamado de casa.

Eu não tenho nenhuma esperança de

ver nada disso de novo por muito, muito tempo.

Eu tomo o café da manhã bem devagar. Enquanto mastigo, meus olhos se movem sobre o jornal enrolado na minha frente.

Eu o empurrei para o lado, assim que me sentei. Encontrá-lo aqui esta manhã me deixou muito desconfortável. Ele não *se encaixa* na equação do meu aprisionamento.

Eu vou olhar para ele, é claro.

Ignorá-lo completamente seria um agravo maior aos olhos de Stonehart, mais do que qualquer outra coisa que eu tenha feito antes. Eu vi a letra dele no bilhete de Rose. Ele, efetivamente, quer que eu tenha o jornal.

Depois de terminar o último pedaço de toranja, afasto a tigela para o lado e pego o jornal.

Aqui está. A hora da verdade.

É apenas um jornal estúpido, digo

a mim mesma, me perguntando de onde minha apreensão está vindo. Mas sei que é mais do que isso. Tudo o que Stonehart faz tem uma intenção. Ele descreveu a progressão das minhas liberdades com base nos PCBs que eu ganhar. Saber sobre os fatos atuais não ajuda até mais tarde.

Embora, digo a mim mesma, ele mesmo não tenha demonstrado, realmente, grande aderência à distribuição de PCB.

PCBs quase parecem uma reflexão tardia para ele. Nunca fica claro para mim que tipo de comportamento me garantirá mais um. E, quando faço algo para receber mais um, não dá para saber se ganharei um, dois, três ou mais.

Eu respiro fundo e estico a mão para o jornal.

A primeira coisa que faço é olhar para a data. E tenho uma surpresa: 25 de abril de 2013.

É um jornal velho, eu penso.

Eu tiro o elástico e o desenrolo.

Outra surpresa me alcança. Não é um jornal deixado ao azar.

É o *Yale Daily News*.

Claro, eu deveria ter reconhecido a capa impressa logo de cara. Mas, estive tão distante daquela parte do mundo por tanto tempo que não fiz nenhuma associação imediata. Além do mais, por que eu esperaria encontrar o *Yale Daily News* aqui?

Um pensamento incômodo me passa

pela cabeça. O jornal está datado de 25 de abril. É quando ganhei o prêmio Barker. Não poderia ser...

Espere um minuto. Poderia sim. Eu acho que é!

Eu abro o jornal e procuro apressada pelas páginas, buscando pela matéria principal. Eu a encontro em seguida.

Cinco Finalistas Selecionadas para o Prêmio Barker é o que se lê na chamada. Abaixo, há uma pequena foto

de todos nós. Logo me vejo à direita.
Não é difícil.

Meu rosto já foi circulado com uma caneta vermelha, de tinta marcante.

A letra de Stonehart está rabiscada sobre a fotografia:

Lilly Ryder.

Merda! Eu fecho os olhos e empurro o jornal para longe. Agora entendo por que Stonehart me deu esse jornal.

Não é uma liberdade antecipada. É

ele demonstrando que tem me observado por muito mais tempo do que eu sabia.

Essa é a prova definitiva, confirmação final. Eu preciso aceitar que não sou uma vítima aleatória. Meu rapto foi planejado por muito tempo.

Um arrepio corre pela minha espinha.

Aqui estou, com acesso total à mansão de Stonehart, mais a sua propriedade, e longe de saber por que, desde a primeira vez, acordei na casa

escura.

Bem. Eu me levanto. Muito bem! Eu compreendo que não posso encontrar nada que possa explicar por que estou aqui. A única pessoa que tem essas respostas é Stonehart. Ele é o único que sabe por que estou aqui.

Eu tenho tentado descobrir isso da maneira errada. Stonehart não deixaria a informação à vista para que eu a descobrisse. Isso seria imprecaução. Ele é tudo, menos descuidado.

Não, agora eu sei que o que tenho de fazer—ou deveria estar fazendo desde o começo—é ganhar a confiança dele. Talvez, em algum momento, ele vai deixar escapar alguma coisa. Algo que eu poderia achar útil no futuro.

Ele se foi por dois dias. Eu cerro os dentes. *Maldição!* Eu deveria ter feito tudo que podia para ter ficado mais tempo possível com ele, quando ainda estava aqui. E não tentar evitá-lo como um cachorro assustado.

Bem, eu não posso mudar o passado. Mas posso, definitivamente, controlar a forma como vou agir no futuro. Quando Stonehart voltar, ele não apenas encontrará uma Lilly pronta para agradá-lo, mas irá, também, encontrar alguém que finalmente compreendeu que a proximidade com ele é o que ela precisa para ter alguma esperança de se livrar dessa situação.

Capítulo Doze

Minha inclinação natural é a de passar os próximos dois dias na biblioteca, lendo.

Não sucumbo a isso. O que a leitura traria de bom para mim agora? Especialmente quando tenho a casa inteira só para mim?

A porta de acesso ao escritório de Stonehart está fechada, mas não está trancada. A primeira coisa que fiz

quando Rose foi embora foi ir lá e empurrar a fechadura para baixo.

Eu a girei só para sentir a trava se mexer. Então, deixei para lá e caminhei de volta. Se há alguma informação útil para mim em algum lugar dessa casa, seria naquele lugar.

Mas eu preciso que Stonehart confie em mim. Ele me disse para não entrar. Eu me lembro de como ele me castigou naquela vez em que *pensei* que tinha quebrado a regra. Agora, indo lá,

quando não tenho dúvida de que estaria rompendo o trato, eu destruiria qualquer tipo de relacionamento que espero construir com o meu captor.

Meu captor.

Ah! Eu não pensava em Stonehart dessa maneira faz muito tempo. Talvez eu apenas tenha evitado mencionar essa palavra porque estava com medo de sua implicação. Eu deveria reconhecer a realidade desesperadora da minha situação.

Mas eu não estou delirando. Eu tenho que ser realista sobre esse tipo de coisas. Stonehart é o meu captor. Não há dois caminhos. Ele não é meu amante. Ele não é meu amigo. Ele não é meu patrão.

Ele é o meu *captor*.

Sem nada mais a dizer, vê-lo com a sua secretária fortaleceu isso na minha mente.

Eu não dei muita atenção a isso aquela noite. Não seria um mecanismo

de evitação? Ou seria apenas por saber que me deter nesses pensamentos negativos enfraqueceria a minha posição?

Talvez seja um pouco dos dois. Eu não sou orgulhosa demais para admitir que, quando vi Stonehart foder a garota, o sentimento de traição quase partiu a minha alma em duas. Eu achava, ingenuamente, que ele e eu tínhamos construído algo entre nós até aquele ponto.

Estou cem por cento segura de que essa foi a primeira manifestação real da síndrome de Estocolmo. Mas, um dia depois de ele ter me oferecido a posição de Esteban, me levar para passear nos jardins, me fazer gargalhar, sorrir—e gozar—, seria difícil sentir raiva daquele homem.

Ele coroou tudo isso me permitindo o acesso à biblioteca. Foi um presente maravilhoso que eu mal podia acreditar que era real. Então, ele me deixou

sozinha por dois dias, não interferindo na minha leitura e me dando todo o tempo e espaço de que eu precisava para começar a me sentir confortável...

Jesus Cristo! Ouvindo-me, qualquer outra pessoa poderia deduzir, e com razão, que me encantei por esse homem.

E talvez eu tenha mesmo começado a ir por esse caminho... até que vi quão pouco signífico para ele quando espreitei na janela do seu escritório.

E se eu não tivesse saído da cama

aquela noite? Se eu tivesse ficado no meu quarto? E se eu nunca o tivesse visto com... ela? Eu estaria aguardando a volta dele como uma oportunidade de experimentar todas aquelas coisas maravilhosas que ele me fez sentir antes de partir?

Obrigada, Deus, por eu ter saído da cama aquele dia. Mesmo a humilhação de me arrastar atrás dele sobre os joelhos, nua, com os olhos vendados e a boca amordaçada, valeu a pena. Isso me

fez lembrar quem eu sou para ele.

E quem ele é para mim.

Stonehart, provavelmente, pensou que me escondendo no quarto enquanto fazia sexo iria provocar ciúmes em mim ou me encher de nojo. Nenhum dos dois. Na verdade, esse foi o maior lembrete de que eu precisava para me dar conta da realidade da minha situação. Isso me fez compreender o que eu jamais deveria ter perdido de vista: não importa o que aconteça, eu sou apenas

uma prisioneira.

Assim, passo as primeiras horas livres que tenho de vantagem para vasculhar cada canto para descobrir alguma coisa sobre o seu dono. A busca resulta vazia, claro—como eu esperava. Mas pelo menos agora sei com toda a certeza que não há nada aqui para eu descobrir.

Tudo o que é importante está no seu escritório.

A primeira noite em que estou sozinha, pego o pingente e o examino mais de perto. Stonehart quer que eu o ponha na minha coleira, presumivelmente como uma lembrança constante do meu lugar. As seis letras gravadas na parte inferior não me afetam tanto como eu pensei que me afetariam. Talvez eu esteja me tornando imune a ele.

Eu rio. Stonehart não gostaria de saber disso.

Na manhã seguinte, passo uma hora em frente ao espelho, tentando encontrar um jeito de pôr o pingente na coleira. Como Stonehart me pediu para fazer. Eu quero fazer isso antes de ele chegar.

Infelizmente, não tem como pôr isso, a não ser colando. Mas eu não tenho nenhuma cola.

Isso é péssimo. Eu queria usar o pingente como símbolo de desafio. Vou usá-lo com orgulho, sem deixar que me afete, porque isso significaria que a

influência de Stonehart na minha psique é menor do que ele pensa.

Finalmente, resolvo que vou prendê-lo em uma corrente de prata fina que encontrei no meu *closet* e tirar isso da cabeça.

Em seguida aplico, cuidadosamente, uma maquiagem para esconder a bofetada de Stonehart. Meu olho ainda está um pouco inchado. Não posso fazer nada quanto a isso. Eu apenas espero que o roxo desapareça até a volta de

Stonehart.

Durante três dias posso caminhar do lado de fora. É maravilhoso estar livre das grades de sua casa. A propriedade de Stonehart é tão grande que posso esquecer onde estou e me perder entre todas as árvores por horas.

Eu as prefiro aos penhascos. A vista do mar é algo que tenho todos os dias da minha varanda. As árvores são um ambiente novo e incomum.

Retorno para a casa quando

escurece e vou jantar. De alguma forma, eu ainda não esbarrei em Charles. É um pouco enervante saber que há outra pessoa aqui comigo—alguém que eu nunca vi.

À noite, quando vou dormir, a expectativa pulsa através do meu corpo como uma corda musical sendo dedilhada. Amanhã marca a volta de Stonehart. Amanhã é quando eu começo minha missão real de me engraçar com ele.

Capítulo Treze

Eu acordo na manhã seguinte com um sobressalto. O sol está brilhando através das janelas. Eu perdi a hora!

Pulo da cama e corro para o banheiro, amaldiçoando a minha falta de despertador. E se Stonehart já está aqui? E se eu dormi durante a sua chegada?

Eu escovo os dentes correndo, jogo água fria no rosto para despertar e estou pronta em cinco minutos exatos. Eu

hesito em gastar cinco minutos extras para me vestir, mas penso melhor.

Stonehart me disse, da última vez, que me trataria como uma cadela. Se ele vai me fazer ficar sem roupa, não tem sentido vestir roupas bonitas.

Quando me apresso pelo corredor até o saguão principal, me surpreende como posso ter esses pensamentos com tamanha indiferença.

É um sinal de uma força imensa, ou de fraqueza.

Meu coração quase para quando ouço a voz de Stonehart vindo da cozinha. Ele está falando com Rose.

Há quanto tempo ele está aqui? Espero que não seja muito.

Respiro fundo, reduzo os passos e caminho regamente para a cozinha.

“Bom dia, Jeremy”, eu digo, dando-lhe o meu sorriso de bajulação.

Os olhos de Stonehart se viram para mim. Rose, que está de costas, olha sobre os ombros. O rosto dela é

indecifrável.

Eu fico de pé e mantenho os meus lábios forçados com aquele terrível sorriso, esperando uma resposta.

Sem nenhum tipo de consideração, Stonehart olha de volta para Rose e continua a conversa.

Eu fico de pé por um minuto, confusa. Ele está *aqui*. Ele não vai me dizer nada?

Depois de um minuto embaraçoso

de pé, vou para a mesa e me sento. Eu finjo estar desinteressada nele como ele está em mim. Não é difícil—tudo o que ele está discutindo é a logística de sua próxima viagem. Nada que seja mesmo interessante, mas apenas como ele quer as coisas na casa quando estiver fora.

Eu finjo estar fascinada por uma mancha pequena e brilhante sobre a mesa. A voz de Stonehart é calma, suave e profunda. Eu nunca pensei que diria isso, mas me esqueci dele naquele

momento.

Um tempo depois, Rose sai apressada. Eu levanto os olhos, na expectativa de...

E fico mal quando Stonehart toma todo o café de uma vez e deixa a cozinha.

Ele nem sequer olhou para mim! Ele nem sequer reconheceu a minha presença, a não ser com aquele breve olhar inicial.

Eu fiz algo de errado? Certamente,

ele não esperava me receber rastejando, não é mesmo?

Não, não acho que seja isso.

Quando faço algo de errado, Stonehart sempre me avisa.

Depois de um momento de hesitação, eu me levanto e o sigo. Eu o vejo desaparecer em um dos cantos da casa. “Jeremy?”, eu grito.

Nem sinal.

Eu balanço a cabeça, mal acreditando que estou *tentando* ter uma

audiência com ele, mas ser ignorada dessa forma me mostra que estou no caminho errado. Isso também me faz ficar cautelosa: por que ele está fazendo isso?

Eu começo a descer o corredor atrás dele. Dois terços do caminho até lá, ouço a voz dele ficar alta novamente. Parece que ele está ao telefone.

Eu passo pela entrada de uma das enormes salas da casa, esperando. Stonehart está lá dentro, andando para lá

e para cá com o celular grudado ao ouvido.

Ele não olha para mim.

Eu entro e me sento, com as costas eretas. Logo depois, me dou conta de que é o mesmo lugar onde encontrei Esteban.

Engraçado, isso.

Stonehart continua a me ignorar enquanto segue a conversa. Pela atenção que ele dispensa a mim, eu poderia muito bem ser um manequim.

Ele se levanta. Eu abro a boca para falar—e a fecho novamente quando ele dá passos largos e enérgicos para fora da sala. Ele nem sequer *olha* para mim. Homem irritante!

Eu não o sigo de imediato. Talvez seja um teste. Por quê? Com que intenção?

Eu não sei explicar.

Talvez ele queira ver quão longe eu vou para chamar sua atenção. *Não muito*

longe, eu penso, e dou um sorriso de escárnio. Um Stonehart que me ignora é infinitamente preferível a um Stonehart que faz de mim o centro das atenções.

Ou isso não é verdade? Eu me lembro de um dos primeiros avisos dele sobre o que aconteceria se eu me comportasse mal:

Eu deixarei você no escuro.

Eu estremeço. Esse é um castigo que nunca quero experimentar.

Eu fico de pé. Estou um pouco

irritada com a reação que recebi. Eu vim esperando pela volta dele por dois dias. Ser rejeitada dessa forma é a confirmação de um anticlímax.

Eu saio da sala em direção ao longo e vazio corredor. A casa está em silêncio. Uma onda misteriosa de inquietude corre pela minha espinha. Você poderia esconder um corpo aqui e ninguém nunca saberia.

Ou esconder o meu corpo, eu penso, sem um pinga de graça.

Eu me desloco pelas escadas em direção ao quarto de Stonehart. Talvez ele esteja fazendo as malas? Mas ele não me parece ser o tipo de homem que perde tempo com esse tipo de frivolidade. Rose certamente faz isso para ele.

No meio das escadas, a sombra de um movimento lá fora chama a minha atenção. Olho para trás e vejo chegar uma limusine preta e familiar.

Eu andei nessa limusine antes, eu

penso em voz alta, e retomo minha busca por Stonehart.

Ele não está no quarto dele. A cama acabou de ser feita e o ambiente está impecável, como de costume. Dou um pequeno passeio pelo lugar, indo mesmo até mais longe para checar a sala de vigilância, mas está vazia.

Só há um lugar onde ele pode estar então. Bem, na verdade, com uma casa desse tamanho, há *muitos* lugares onde ele pode estar, mas apenas um me soa

como provável agora:

O escritório.

Segura o suficiente enquanto caminho para o corredor que leva à porta secreta, encontro a entrada aberta. Caminho para dentro. A porta do escritório de Stonehart está fechada, mas posso ouvir sua voz abafada que sai de dentro.

Não tendo mais nada a fazer, cruzo os braços e me encosto na porta da biblioteca, esperando.

Eu fico assim por muito tempo. Meu pé esquerdo começa a adormecer. Eu o sacudo para recobrar a circulação, suspiro e espero um pouco mais.

Stonehart continua a falar lá dentro do escritório. Eu não consigo ouvir suas palavras através da forte porta de carvalho, mas a voz dele é inconfundível.

Eu amo essa voz. Se ela não pertencesse a esse tipo de monstro—

Eu fico fria.

Eu usei mesmo a palavra ‘*amor*’
para descrever algo relativo a
Stonehart?

Outro arrepio corre em mim. Eu
preciso ser mais cuidadosa com os meus
pensamentos.

Depois de uma hora e meia sem
fazer nada, o tédio começa a me afetar.
Stonehart não pode achar que vou
esperar aqui por ele para sempre. Dou
uma risada impaciente. Convenhamos:
ele nem mesmo sabe que estou aqui.

É muito ruim ser ignorada dessa maneira. Mas eu sei que uma reação é tudo o que pode vir depois de Stonehart. Provavelmente. Deve ser porque ele está apenas ocupado...

Mas, não. Ele fez uma menção específica em fazer com que o nosso último encontro antes de ele viajar seja ‘memorável’. Ele vai sair por quinze dias. Esse será o tempo mais longo em que estivemos separados.

Bem, não quer dizer que ele terá

*algum problema em satisfazer sua
libido, eu penso com amargura,
lembrando-me da secretária gritando.
Quantas mulheres ele tem feito gritar
pelas minhas costas? Se não fosse pela
minha ansiedade na noite passada, eu
não teria sido sábia o suficiente
para...*

Outra vez recuo, balançando a
cabeça. Isso *não* é ciúme se
manifestando. Não pode ser.

Eu zombo. Estou com ciúmes de

quê? Stonehart pode fazer o que bem quiser com o pau dele.

Eu movo os pés, ficando mais e mais insatisfeita com a situação. Não é apenas a indiferença que Stonehart me mostrou hoje que está me incomodando. Se fosse apenas isso, eu não estaria assim.

É o caminho que os meus pensamentos têm tomado que me deixa desconfortável.

Eu decido me distrair com um livro.

Eu pelo menos tento—a biblioteca está bem aqui. Stonehart não deu nenhum sinal de que olhará para mim. Eu acho que não vai ser um problema ele me encontrar aqui.

Mas, por mais que eu tente, não consigo prestar atenção às palavras na página. A expectativa me deixa trêmula como uma mola em espiral. *Por que* Stonehart não me cumprimentou? *Por que* não ouvi uma palavra sequer da parte dele?

Uma percepção rápida toma conta de mim e me faz me movimentar para frente. E se a razão de Stonehart me ignorar é que a grande viagem dele está *cancelada*? E se ele não tem urgência em me ver porque *ele não irá a lugar nenhum*?

Eu começo a ofegar—e, então, relaxo. Essa não deve ser a razão. Eu o ouvi discutir questões logísticas com Rose mais cedo. Eu vi a limusine dele esperando lá fora. Ele não teria todo

esse trabalho só para me surpreender.

Ele tem melhores maneiras de fazer isso.

Sem aviso prévio, a insipidez dos meus próprios pensamentos me toca. Eles vêm como um relâmpago.

Quem eu sou para Stonehart?

Obviamente, ninguém. Ou, pelo menos, ninguém *importante*. Eu seria uma idiota de tomar como um insulto o fato de ele me ignorar por enquanto. Ele está no comando de uma das mais

poderosas corporações da América. Há demandas muito mais claras a caminho do que se dar conta de uma pobre garota escrava.

Além disso, eu não irei a lugar algum.

Uma onda repentina de desespero me oprime. Eu estou muito próxima de uma situação perigosa e respiro fundo para aliviar e... fazê-la passar.

Sua situação está muito longe de ser de impotência, lembro a mim

mesma. *As coisas estavam descontroladas quando você estava passando fome na varanda. Você superou aquilo, ou não?*

O pensamento me dá um pequeno ânimo. Eu *preciso* enfrentar isso. Eu encarei o pior de Stonehart e saí disso intacta. Há ainda a persistente sensibilidade à luz, claro, mas está melhorando. Fora isso, sobrevivi sem cicatrizes emocionais permanentes.

Eu me permito sorrir. Talvez as

coisas não sejam tão sombrias.

A porta do escritório de Stonehart se abre. Eu ponho a cabeça para fora. Ele caminha pela porta aberta, queixo alto e cabeça elevada.

“Jeremy”, eu digo, começando a me levantar. Eu paro a meio caminho. Ele não dá nenhuma resposta.

Eu respiro como se fosse um assobio irritado e caminho para a porta. Eu olho para o corredor, mas ele já se foi. Ele, definitivamente, me ouviu dizer

seu nome. O homem não é surdo.

Tudo bem, eu penso. Duas pessoas podem jogar esse jogo. Ele quer me ignorar, não quer? Bem, nada diz que eu tenha que me meter em algo complicado para ele se dar conta.

Eu não vou ignorá-lo de volta. Isso seria loucura! Mas, não tenho que correr atrás dele, também.

Eu me viro para o lado e volto para a poltrona, olhando para o livro aberto sobre o seu braço, confiante de que

agora eu serei capaz de prestar atenção à leitura, quando a voz de Stonehart me interrompe.

“Lilly.”

Falando no diabo... Minha resolução nem sequer teve tempo de brotar.

Eu me viro para ele: “Oi, Jeremy.”

Ele não responde ao meu cumprimento. Em vez disso, ele diz: “Siga-me.”

Eu caminho atrás dele e sou tomada por uma explosão de entusiasmo quando ele entra no seu escritório. Eu hesito em prosseguir.

Stonehart se senta em uma magnífica mesa de madeira—a mesma onde eu vi sua secretária nua. Hoje, entretanto, ele tem um enorme laptop lá, com a tela na sua frente.

“Eu tenho a caminho uma urgente teleconferência com o conselho”, ele fala, sem se dirigir a ninguém em

particular. “Ela começa em dez minutos, mas eu preciso estar presente apenas no final.”

De repente, ele levanta a cabeça. A raiva escurece suas feições quando ele ainda me vê na porta.

“Que merda, Lilly!”, ele exclama, batendo a palma da mão na mesa. “Eu disse para você *me seguir*. Venha *aqui*.”

Eu engulo a saliva, olhando para a porta, nervosa. Eu me dou conta de como a coleira aperta no meu pescoço.

Ele não a teria ativa no seu escritório...
teria?

Claro que teria. Nada nunca
impediu Stonehart de fazer o que ele
quer. Pelo menos, não que eu saiba.

Mas a raiva crescente nos olhos
dele parece uma ameaça mais imediata
do que um potencial segundo choque. Eu
me preparo para o pior e caminho para
dentro.

A coleira permanece inativa.

Tensão transborda em mim. Mas os

olhos de Stonehart ainda estão penetrantes.

Ele recosta na sua cadeira. Suas mãos se movem para a fivela do seu cinto.

“Como eu estava dizendo”, ele continua, olhando para um espaço bem acima da minha cabeça, como se eu não estivesse lá, “estou atrasado para a conferência. Mas a coisa toda é um desperdício de tempo. E eu *nunca* perco tempo.”

Ele desafivela o cinto. “Aqui, Lilly. Ajoelhe-se. Sob a mesa.” Os olhos dele passam rapidamente pelos meus e há um pequeno brilho de satisfação. “Rápido, agora.”

Capítulo Quatorze

Eu saio do escritório apressada, querendo nada além de uma escova de dente e um antisséptico bucal.

Nunca tinha experimentado nada *mais* degradante.

Assim que eu me ajoelhei, Stonehart tirou o pênis para fora.

“Ele não vai chupar a si mesmo”.

Essas foram as últimas palavras que ele me disse antes de voltar a sua atenção

para a tela do computador. Um segundo depois, as vozes dos membros do conselho de sua empresa saltaram dos alto-falantes.

Ele não me dispensou nenhuma consideração. Enquanto eu estava lá sob a mesa, ele falou com os membros do conselho com uma voz que não dava nenhum sinal do que estava acontecendo.

Outra vez, foi mais um sinal do seu imenso grau de controle. Ele me põe a par da mais íntima—sem trocadilhos —

conversa sobre a sua companhia, sem preocupação com o mundo.

Se isso não demonstra quão pouca ameaça represento para ele, não sei o que representaria.

Eu gargarejo no banheiro, tentando apagar o gosto *dele* da minha língua. O que fez a experiência toda muito pior foi o fato de eu saber que, dois dias atrás, ele estava fodendo outra mulher bem ali acima de onde minha cabeça estava indo para frente e para trás.

Eu não achei que isso me afetaria, mas—para surpresa minha—me afetou. Ouvindo-os fazer sexo com a venda nos olhos foi melhor. Talvez porque, naquele dia, minha raiva serviu de amortecedor entre a realidade e as minhas emoções.

No final, para adicionar insulto à injúria, ele lançou o esperma na minha boca sem preocupação. Então, deu um tapinha na minha cabeça, murmurou “boa garota” e vestiu as calças.

Foi a despedida mais humilhante
que recebi na vida.

Quando saio do banheiro,
completamente perturbada, encontro um
pequeno bilhete deixado para mim sobre
a cama.

*Eu estarei fora por quinze dias.
Quando eu voltar, você me receberá
com o entusiasmo próprio de alguém
na sua posição.*

Ele nem mesmo assinou essa

maldita coisa!

Minha indignação passa rápido
quando percebo o que o bilhete
significa:

Stonehart se foi! Ele *se foi* de
verdade!

Não foi para sempre, é claro. No
entanto, duas abençoadas semanas longe
é mais do que eu poderia esperar.
Melhor ainda, vou ter acesso completo à
casa e à propriedade. E agora que sei
que posso ir ao escritório de Stonehart

sem a coleira...

Um entusiasmo vertiginoso brota dentro de mim e afasta todos os sentimentos ruins de mais cedo. Duas semanas. Eu tenho duas semanas para fazer o que quiser.

A primeira ordem de negócio está finalmente fazendo jus à promessa que fiz a mim mesma quando assinei o contrato.

Capítulo Quinze

A primeira coisa que faço, naquela noite, quando tenho certeza de que Stonehart não está à espreita em algum lugar da mansão, é ir até às portas do seu escritório. Eu tenho toda a intenção de entrar. Não quero saber se as suas câmeras vão me pegar fazendo isso. Eu preciso de *informação* e o que encontrei pela casa não ajuda em nada.

Mas, quando tento abrir a porta, não

é a minha coleira que me impede de seguir em frente, mas uma coisa muito mais primária:

A fechadura.

Dou um gemido de desapontamento.

Eu esperava que isso fosse ser fácil?

Bem, na verdade... sim. Deve ser, provavelmente, pelo fato de eu estar acostumada a ter cada porta da casa destrancada.

Impedida, mas sem perder a determinação, caminho para ver se

encontro Rose.

Mas não vejo a governanta de Stonehart em lugar nenhum. A decepção toma conta de mim. Eu estava esperando pela oportunidade de falar com ela sem Stonehart por perto.

Parece que eu não terei a chance hoje. Quem sabe amanhã?

Eu passo a tarde na biblioteca, lendo um pequeno livro infantil. Eu o encontrei meio escondido, atrás de uma prateleira no canto. Eu não teria me

dado conta dele se não tivesse derrubado o livro que estava segurando e agachado para pegá-lo.

A capa está envelhecida e algumas das páginas têm pequenos rasgos nas bordas. O livro é diferente de qualquer outro na biblioteca. Eu não esperava encontrar um livro *infantil* aqui.

A história é sobre um pequeno dragão que nasceu com escamas brancas e brilhantes, em vez de verdes, como os irmãos e irmãs. Todos riem dele por

isso. Mas, ao final, o rei dragão reconhece as escamas brancas como um exemplar de beleza e o dragão branco recebe o louvor de todos os irmãos e colegas.

É uma história encantadora, se você ignorar a mão pesada da mensagem por trás dela. Entretanto, não é isso o que mais me intriga.

É o fato de ele ser um livro de *Stonehart* o que me deixa curiosa.

Provavelmente, ele nunca pensou

que eu o encontraria. Ele deve tê-lo escondido aqui muito tempo atrás e o esqueceu. Pelo bem ou pelo mal, é a única coisa que tenho sobre ele nesse momento. É a única peça real da história de Stonehart.

Vou para a cama e sonho que entro naquelas duas portas trancadas do seu escritório.

Capítulo Dezesseis

No dia seguinte, eu acordo com a esperança de ver Rose. Mas, quando caminho bem devagar para a parte principal da mansão, está tudo assustadoramente quieto.

“Olá?”, eu arrisco. “Há alguém aqui?”

Sem obter resposta, me sento à mesa da cozinha e espero pelo café da manhã. Hoje pode ser o dia em que vou

encontrar Charles pela primeira vez, caso ele seja o único a me servir o café.

Mas, depois de meia hora, ninguém aparece. Eu decido checar a cozinha por minha conta.

Eu a encontro tão vazia como o restante da casa. *Que estranho*, eu penso. *Será que Stonehart dispensou Charles e Rose nesse tempo?*

Ainda não estou certa quanto à forma como eles vivem. Há tantos cômodos nessa casa que qualquer um

poderia ser facilmente o deles. De alguma forma, porém, tenho a impressão de que Stonehart e eu somos os únicos moradores permanentes aqui.

Onde Rose passa as noites? Eu não sei.

Abro a geladeira e quase caio para trás com a quantidade de comida dentro. Está totalmente reabastecida. Não só isso, mas o interior possui quatro vezes mais espaço do que qualquer outra geladeira que eu já vi antes.

Tudo aqui chama a atenção pela imponência.

É uma sensação estranha a de preparar o meu próprio café da manhã, eu reflito, enquanto puxo uma frigideira e quebro alguns ovos. Eu não terei a chance de fazer isso para sempre.

É bom fazer minha própria comida. Isso dá a ilusão de autossuficiência.

É o mais próximo da independência a que posso chegar aqui.

Depois de terminar minha refeição, levo as louças para a pia, as lavo e as ponho de volta nos armários. Então, me preparo para sair e olho em volta para a monstruosa e iluminada cozinha.

É um lugar impressionante. Tudo está brilhando, de cor prata. A mobília é impecável; o piso está luzindo. Se eu tivesse talento culinário, adoraria passar o meu tempo aqui.

Mas, eu tenho coisas mais importantes para fazer. Há segredos

nesta casa—deve haver—e eu estou com a intenção de desvendá-los.

Uma explosão de inspiração me toca. *Segredos. Na sala de vigilância.* Estou autorizada a entrar lá e, talvez, os alimentadores de vídeo vão me ajudar a descobrir alguma coisa que eu possa usar a meu favor. Por último, eu serei capaz de ver se Stonehart trouxe outra mulher de volta a essa casa.

Merda. Eu levo a mão à testa e esfrego as têmporas. Quão trivial eu

pareço? Quem *se importa* se Stonehart traz mulheres aqui? Eu, certamente, não.

Esses pensamentos implicam apego emocional. Eu preciso ficar longe dessa armadilha perigosa.

Mais uma vez, os meus planos são frustrados quando encontro fechada a entrada secreta na parede do quarto de Stonehart. Eu toco o contorno fino com a ponta dos dedos. Ela não se mexe—não importa quão forte eu tente empurrá-la.

Talvez haja um botão em algum

lugar, como aquele sob a mesa no corredor. Eu vasculho o lugar, mas não encontro nenhum dispositivo. Faço uma nova varredura, me certificando de checar outra vez qualquer buraco que pareça suspeito e os lugares escondidos.

Nada.

Eu ranjo os dentes de frustração. É como se Stonehart não *quisesse* que eu encontre alguma coisa. Não é provável que eu encontre.

Eu passo o resto do dia na

biblioteca.

Na terceira manhã, acordo decidida a ir lá fora. Eu preciso conhecer melhor a área, se pretendo pôr em prática os meus planos.

Eu reviro os olhos só de pensar. A coleira garante que não posso ir a nenhum lugar que Stonehart não queira.

Mas, quando saio da cama, me deparo com uma chuva forte que cai pesado no chão lá fora.

Eu resmungo de raiva.

É incrível como não há quase nada para eu fazer numa casa desse tamanho. Você deve achar que ter uma propriedade enorme à sua disposição garantiria que você nunca se sentiria entediado.

Esse, definitivamente, não é o caso.

Além de distrair a mim mesma cozinhando algumas refeições mais ou menos, e sem inclinação para ler, não tenho muito a fazer para passar o tempo.

Rose não está em nenhum lugar em que possa ser vista no quarto dia. Nem Charles. E o tempo continua a piorar.

Eu passo o resto da semana em um estado de inquietação e ansiedade crescentes.

Eu acordo uma manhã com a lembrança de que *sete dias* se passaram e estou sozinha. O que eu fiz deles?

Absolutamente nada.

Uma ideia maluca passa pela minha cabeça naquela noite. Se não há ninguém aqui... e se eu tenho acesso total à cozinha, onde eu vi uma impressionante faca de cozinheiro antes... o que me impede de simplesmente cortar a coleira e fugir?

A ideia é tão óbvia que me pergunto como não pensei nisso antes. Eu tiro o cobertor e corro para a cozinha.

As luzes, que funcionam por sensores, se acendem automaticamente

quando corro pela casa.

Eu puxo uma gaveta aberta e pego a faca mais demoníaca. A lâmina é afiada e fina. Eu a peso na minha mão... e hesito.

A coleira está muito apertada. Eu terei que posicionar a faca contra a minha pele. E se eu me cortar?

Mas essa não é uma grande preocupação, nas atuais circunstâncias. Mais estressante é o que Stonehart faria se descobrir que eu tentei—e falhei.

Cuidadosamente, e com o máximo controle, devolvo a faca à gaveta.

Então, volto para a cama. Debaixo de cobertas seguras e longe das câmeras exploro a coleira com os dedos. É levemente flexível e menos forte do que parece. Mesmo que eu consiga cravar uma faca nela, não creio que conseguiria abri-la.

Além disso, parece que há um anel de metal sob o plástico revestido. O que faz sentido. Pode ser a bateria. E isso

significaria que o meu esforço para cortá-la teria sido inútil.

Tudo isso só incitaria a ira de Stonehart.

Com esses pensamentos desconfortáveis rondando a minha cabeça, caio em mais um sono conturbado.

Capítulo Dezessete

Pesadelos atormentam os meus sonhos. Pesadelos com cobras, coleiras e Stonehart. Como sempre, ele é o centro de tudo.

Acordo enrolada nos meus lençóis e molhada de suor. Eu me lembro de ter lutado contra alguma coisa durante o sonho... mas não consigo saber o quê. A lembrança some rápido.

Desperdiço mais um dia fechada em

casa por causa da chuva. Amanhã, prometo a mim mesma, eu sairei, não importa o tempo.

Entediada, sozinha e cada vez mais infeliz, começo a duvidar se vou mesmo obter algum benefício dessas duas semanas de descanso. É um peso tirado dos meus ombros não ter que me preocupar com o que Stonehart vai me pedir para fazer, para ser exata, mas eu tinha imaginado que esse tempo em que estamos separados seria bem *diferente*.

Eu pensei que, sem ele aqui, e com total acesso à residência, eu seria capaz de encontrar algo que pudesse usar contra ele.

Eu estava enganada. O livro infantil que encontrei no primeiro dia é a única coisa que tenho e não serve muito. É a única coisa que confirma que Stonehart *teve* uma infância, não importa quão dura tenha sido de imaginar.

Ele me contou aquela história de ter crescido sendo negligenciado por ser o

caçula. Ele falou da revanche que planejou contra o pai.

Ele não teria me dito isso se não fosse importante. Eu suspeito que fundar as Indústrias Stonehart, vindo do nada, foi uma forma de provar à família o seu valor.

Bem, ele certamente fez isso.

Eu sei tão pouco agora como sabia quando ele partiu. É muito frustrante.

“Stonehart, Stonehart, Stonehart”, eu murmuro, olhando para as portas

fechadas do seu escritório. “Você é tão misterioso como sempre.”

Eu suspiro, dou as costas e volto para a biblioteca.

A manhã seguinte me toma de um renovado senso de determinação. Eu dormi muito mal de novo, mas a minha decisão de ir lá fora, chova ou faça sol, supera a lentidão do meu cérebro.

Imagine a minha surpresa e deleite quando encontro um dia glorioso e

ensolarado lá fora.

Eu me visto rapidamente e fecho a porta. O ar fresco bate em mim e eu respiro fundo e lentamente por um bom tempo. Tem um sabor doce.

Olho à minha volta, tentando decidir aonde ir. Eu escolho o norte. Nunca estive naquela parte antes.

Depois de caminhar por uns bons vinte minutos mais ou menos, através das árvores, me deparo com um caminho que leva para as sempre-vivas. Curiosa,

desço pela superfície pavimentada... e descobro uma maravilhosa casa de hóspedes em meio às árvores.

É brilhante e moderna, com vigas de cedro e muitos vidros. Ela parece uma versão compactada—muito, mas muito menor—da casa principal.

Mas, ainda assim, é muito maior do que qualquer coisa que eu possa ter um dia.

Eu caminho para as portas da frente, me perguntando se elas estão

destrancadas. Repentinamente, sinto um formigamento sob o meu ouvido esquerdo.

Eu paro imediatamente e fico tensa.

Não...

Dou um passo para trás. O formigamento desaparece. Eu caminho para frente—e o aviso da coleira vem de novo.

Incomodada, dou a volta para trás e caminho rapidamente para a árvore mais próxima. Stonehart não quer que eu vá

para a casa de hóspedes.

Por quê?

Nesse momento, vejo um vulto passar por uma janela. Levo alguns segundos para me dar conta de que é Rose. Ela está vestindo um roupão de banho. Eu nunca a vi usando nada que não fosse o seu uniforme de limpeza.

Ela desaparece num piscar de olhos. Eu quero gritar e de algum modo chamar a atenção dela, mas duvido que ela vá me ouvir através das paredes. Além do

mais, é muito cedo. Ela deve estar, provavelmente, apenas começando o dia.

Um dia que inclui uma visita para me ver?, eu me pergunto.

Bem, mesmo que eu tenha chegado perto de ativar a coleira, a manhã não foi uma perda total. Eu solucionei o mistério de onde Rose vai quando ela não está na casa principal.

A pergunta é: *Por que ela não veio me ver a semana inteira?*

Poderia ser simples a resposta: Stonehart a proíbe. Mas ele parece confiar nela. Pelo menos, do jeito dele, que parece não confiar em ninguém.

Eu pulo quando a porta da garagem sobe rápido e faz barulho. Eu vejo, às escondidas, quando o Rolls Royce preto sai. Eu vejo Rose no assento do passageiro, ainda vestindo o roupão de banho. Um homem, um pouco mais velho, e que nunca vi, dirige o carro.

Seria Charles?

Então, tenho um estalo: e se Rose e Charles são marido e mulher? Nunca a vi usar aliança, mas muitas mulheres casadas não usam—principalmente as que têm um relacionamento de longo prazo.

Isso explica muita coisa. Se Rose vive na propriedade de Stonehart com o marido, isso dá a Stonehart o controle sobre a vida dos dois. Ela parece feliz o suficiente. Não é o mesmo tipo de controle que Stonehart exerce sobre

mim. Mas isso poderia ser o fator que garante que nem ela nem Charles contem nada sobre mim a outras pessoas.

Quanto mais penso sobre isso, mais faz sentido. Claro, isso poderia ser apenas tolice. No entanto, eu gosto de imaginar que Rose tem em sua vida um homem que a faça feliz.

Pelo menos uma de nós é feliz...

Eu olho na direção do carro que passou. Não estou certa de que se eu caminhar atrás dele estaria em perigo de

cruzar uma nova fronteira da minha
coleira. Não sei se continuar ao norte,
atravessando o gramado da casa, ainda é
uma boa ideia.

Apenas para estar segura, decido
voltar para trás.

Eu acabo vagando pelo resto da
propriedade, a uma distância segura da
casa de hóspedes, durante horas. Não
tenho um rumo.

Depois de uma hora mais ou menos,
eu reprimo um bocejo. Eu gostaria de ter

trazido um livro comigo. Seria bom ler aqui fora.

Olho para o céu. O sol ainda brilha no alto. Eu me pergunto que dia é hoje. Deve ser um dia de novembro, certo?

Tendo crescido na Costa Leste, eu nunca tinha tido um mês de novembro em que eu pudesse caminhar ao ar livre, usando apenas um agasalho leve.

Eu volto para a casa, bocejando outra vez. Depois de duas noites seguidas de sono ruim, a fadiga está me

pegando. Talvez eu vá para dentro e dê um cochilo rápido.

Eu acordo horas depois com um movimento de surpresa. Olho em volta, confusa por um momento, tentando me situar. Então, me lembro do que aconteceu.

Eu caí no sono na poltrona em um dos quartos não utilizados por Stonehart. Eu apenas me sentei e me recostei, fechando os olhos para respirar...

E a última coisa de que me lembro é que dormi.

Eu olho para a janela escura. Pelo menos, *tento*. Não vejo nada, a não ser o meu próprio reflexo. Cristo! Eu estive dormindo por *horas*.

Meu estômago ronca, me lembrando de que não comi o dia todo.

Não que seja a primeira vez, penso com arrependimento, e então me estico para a cozinha.

Enquanto caminho pelos corredores,

eu me pergunto o que foi que me acordou de repente. Eu ouvi algum barulho? Sim, eu acho que sim... talvez algum estrondo ou uma batida de porta?

Mas a casa está escura. As luzes todas estão apagadas. Não há mais ninguém aqui, além de mim.

Abro a geladeira e fico logo surpresa ao vê-la tão abastecida. Será que Charles ou Rose vieram aqui quando eu estava dormindo? Isso explicaria a batida de porta...

Mas, se era Rose, por que ela não me acordou?

Pego um pote de manteiga de amendoim. As refeições que tenho feito durante a ausência de Stonehart não são requintadas. Mas elas têm sido abençoadamente simples. Às vezes, simplicidade é tudo o que nossa sua alma deseja.

Eu mataria por alguma simplicidade agora, eu penso, enquanto espalho a manteiga de amendoim sobre

um pedaço de torrada. Eu a mordo.

Mesmo sem nada para fazer e nenhum lugar para ir, meus pensamentos são uma confusão.

O relógio na parede me diz que faltam vinte para as dez. Essa seria, usualmente, a hora de eu ir para a cama, mas aquele longo cochilo me deixou sem sono. E—graças à Deus—ele veio sem pesadelos.

Eu fico lendo até as primeiras horas da manhã, antes de me arrastar para a

cama. Até esse ponto, embora eu esteja cansada, o sono é um longo caminho a percorrer.

Quando ele chega, vem repleto de pesadelos.

Capítulo Dezoito

Mais dias inúteis se passam. A única coisa boa que tenho a pretensão de conseguir é terminar alguns livros.

Eu caí vítima de uma rotina irregular. Eu não durmo a noite toda por causa dos meus sonhos e depois compenso com cochilos prolongados durante o dia. Às vezes, eu me pego à deriva, enquanto meus olhos deslizam, preguiçosamente, pela página do livro,

sem ver uma só palavra que está escrita lá.

Eu acordo horas depois, surpresa com o tempo em que estive desacordada.

Rose não vem para me ver. É desapontador. Eu pensei que ela aproveitaria a chance de conversar comigo sem Stonehart por perto. Ainda dói um pouco ser negligenciada por ela desse jeito, especialmente agora que sei como ela vive próximo.

A única explicação que tenho é a mesma que eu tinha antes: Stonehart a proibiu de me ver.

Um dia antes da chegada de Stonehart, gasto uma hora escolhendo o que vestir no meu *closet*. Uma hora vira duas, três e, antes que eu veja, um dia inteiro se foi em um vórtice de roupas e tecidos.

Eu separo as roupas que finalmente escolhi para amanhã de manhã. Não sei a que horas esperar por ele. Então, acho

que é melhor estar pronta o mais cedo possível.

Quando me deito, meus nervos me deixam acordada. Fiquei tão acostumada a estar sem Stonehart que não estou certa como reagirei quando vê-lo amanhã. Ainda mais que o baile de gala privado acontece em dois dias e ainda não tenho os PCBs suficientes para ir.

Está fora de cogitação? Ou ele me levaria de qualquer jeito? Eu não sei.

Depois de dar voltas na cama por

horas, sem ter um minuto de sono, desisto e saio. Ponho café na cozinha e me sento num cômodo no segundo piso, que fica na frente da espetacular vista para o mar.

Assisto à luz do sol mover-se lentamente sobre o gramado, minuto a minuto, diminuindo a enorme sombra projetada pela enorme casa. Quando clareia o suficiente para os pássaros começarem a cantar, vou ao banheiro, tomo banho e inicio a minha espera.

Estou sem descansar e sem dormir ao mesmo tempo. Eu não posso ficar parada. Meus pensamentos estão correndo soltos, a cem quilômetros por hora. Também não posso dormir. Não posso correr o risco de perder a chegada de Stonehart.

Algumas horas passam. Eu começo a caminhar pelo corredor de entrada. Cada barulho me faz olhar para a porta. Nenhum deles indica que Stonehart chegou.

Eu preciso relaxar. Eu sei que terei um aviso quando ouvir a chegada das rodas da limusine quando ela passar pelo cascalho lá fora. Mas a cafeína me deixou ligada e ansiosa.

Decido fazer mais um café. Estou bem longe de conseguir repousar. Talvez bombear mais estimulantes no meu sistema vai me livrar da fadiga que espreita nos cantos dos meus olhos.

Tomo uma xícara. E outra. E outra mais. Estou nervosa agora, mas é melhor

do que estar meio dormindo.

As horas se arrastam. Será que contei os dias errado? Talvez ele chegue amanhã.

Mas não. Eu mantive o controle de cada dia em um pedaço de papel.

Stonehart me disse que ele ficaria fora por quinze dias. Hoje é o dia de sua volta.

Três da tarde vem e vai. E quatro. E cinco. E seis. E nenhum sinal de Stonehart. Eu sei que cada hora que

passa me põe mais perto de sua chegada iminente.

Agora estou tentando o possível para não bocejar a cada cinco minutos. A cafeína perdeu o efeito faz tempo. A exaustão por várias noites mal dormidas está batendo à porta. Eu me sinto estirada e cansada. Eu sei que preciso estar na melhor forma quando Stonehart chegar.

Bem, pelo menos por fora.

Eu olho para o meu reflexo na

janela. Minha maquiagem ainda está como antes. E se o vestido vermelho que estou vestindo está um pouco amassado, bem, isso é o que acontece quando você fica com uma roupa o dia inteiro.

Eu considero a possibilidade de ir ao meu *closet* para me trocar. Parece ser uma boa ideia. Pelo menos, terei algo que para fazer para distrair minha mente dessa espera estressante.

Eu caminho para o *closet* e visto a minha segunda opção de roupa. Já

passou das sete e está escuro lá fora.

O que faz Stonehart demorar tanto?, faço beicinho. Talvez ele tenha se atrasado. Talvez, originalmente, ele tenha planejado ficar fora por quinze dias. Mas poderia ter acontecido algo para mantê-lo longe por mais tempo?

Onde quer que *esteja*, não tenho pista de onde ele foi.

Será que ele me deixaria saber, se fosse o caso? Duvido. Ele não tem como se comunicar comigo, exceto por meio

de Rose, e ela tem estado ausente o tempo todo, de maneira decepcionante.

De toda forma, eu não teria ido a lugar algum. Eu ainda estaria esperando por Stonehart como um cachorrinho fiel, não importa o que acontecer.

Eu vejo um livro aberto perto da minha cama. Levo a mão à boca para abafar um bocejo enorme. A leitura deve matar o tempo e aliviar minha mente.

Eu pego o livro e me dobro na poltrona.

Por que as almofadas são sempre tão confortáveis?, eu me pergunto, enquanto me arranho em uma delas. Eu puxo um cobertor fino por cima do meu colo, seguro o livro e tento me concentrar nas palavras.

Capítulo Dezenove

Minha cabeça se move para frente e meus olhos se abrem. *Merda!* Eu tirei uma soneca. Por quanto tempo?

Eu trato de me situar. Mas o ambiente está escuro. Eu movo os braços em volta para acionar os sensores.

Todas as lâmpadas se acendem de uma só vez. Eu pisco com a claridade repentina.

Que diabos! Elas nunca fizeram isso desde—

Meus pensamentos chegam a um beco sem saída quando os meus olhos recaem sobre uma figura solitária e em pé.

Stonehart.

Ele parece furioso.

Eu abro a boca para falar, mas suas palavras afiadas me interrompem.

“Quinze dias, Lilly”, ele cospe

saliva. “Você sabia que eu estaria fora por quinze dias. Você sabia que tinha de me esperar hoje. Você sabia—”, o queixo dele range e ele enfatiza cada palavra: “Que-Tinha-De-Estar-Preparada.”

“Jeremy—”

“*CALE A BOCA!*”, ele grita. Seus olhos queimam como órbitas negras na sua cabeça. Eu fico nervosa.

Ele respira fundo para se recompor e puxa as lapelas de sua jaqueta. Eu vejo

uma veia nervosa a pulsar no seu
pescoço.

Quando ele volta a falar, sua voz é
suave, fria e mortal.

“Você sabe o que é esperado de
você segundo as cláusulas do nosso
contrato”, ele diz. “Falhar em viver de
acordo com uma expectativa é motivo
para *castigo*, Lilly. E hoje você falhou
incrivelmente.”

Eu começo a me mexer, querendo
me levantar e me defender, para

enfrentá-lo de cabeça erguida, mas ele aponta um dedo para mim e sua boca espuma de raiva: “Sente-se, Lilly. Não se atreva a se mexer. Você não irá a lugar algum por muito tempo.”

Prendo a respiração. Quando ele disse isso... seus olhos correram para a coleira.

Ele poderia dizer...?

Claro que poderia.

“Oh, sim”, ele diz, com um sorriso irritante e contraindo os lábios para

cima. “Você sabe exatamente o porquê.”

Eu toco o anel de plástico preto com a mão trêmula. Ele balança a cabeça.

“Duas horas que estive em casa, Lilly”, ele comenta, com voz suave.

“Duas horas em que esperei por você. Duas. Porra. *Horas.*”

Estremeço a cada palavra.

“Você pensou que, como eu estava fora, nossas regras foram suavizadas, não pensou? Você pensou que, como eu estava ausente, você não teria de se

preocupar com suas responsabilidades.
Estou certo?”

“Jeremy, eu sinto muito”, eu começo a falar apressada. “Eu—”

“*Silêncio*”. Sua voz é afiada o suficiente para partir uma rocha em duas.

Ele se vira para trás. “Eu acho que nós temos de voltar à estaca zero, Lilly-flor. Acho que a distância fez você esquecer exatamente quem você é. Eu acho—”, ele torce para trás, e seus

olhos brilham para mim, “—que você precisa ser deixada no escuro outra vez.”

Bem na hora, todas as luzes se apagam. Meu coração começa a bater dobrado no meu peito. Cascatas de medo correm pela minha espinha.

Eu ouço os passos de Stonehart desaparecerem no chão.

“Desta vez, não se engane, Lilly. Todas as liberdades que você ganhou serão revogadas. A coleira está ativa.

Eu não moveria um pé para fora da cadeira, se eu fosse você. Ah! E mais uma coisa”.

“Você deve esperar a minha visita toda noite.”

Epílogo

(Novembro de 2013. Dia de hoje)

Tudo está perdido. Estou submersa na escuridão.

Com a diferença de que, dessa vez, Jeremy vem me visitar toda noite.

Fim

Assine a Lista de E-mails

Não quer perder o lançamento dos
próximos títulos da série? Assine a
minha **lista de e-mails**

(<http://eepurl.com/z-Lgv>) e seja a
primeira pessoa a conhecer meus novos
livros.

Gostou deste livro?

Se você gostou deste livro, o melhor lugar para me dizer é na minha página do Facebook:

www.facebook.com/ScarlettEdward

<http://www.facebook.com/ScarlettEdward>

Eu posto *teasers*, trechos de livros, fotos e várias outras coisas divertidas.

Nós estamos construindo uma comunidade ativa dos fãs de

Descobrimo Você. Então, junte-se a
nós! É o melhor lugar para se
corresponder diretamente comigo.

Espero ver você lá,

Scarlett.